Secretaria-Geral da Educação e Ciência

10 Anos de BAME:

2015

2019

Título:
10 ANOS BAME – VOLUME 5 – 2015
Autor:
Secretaria-Geral da Educação e Ciência
Direção de Serviços de Documentação e de Arquivo
Edição:
1ª edição
Elaborado por:
Elvira Evaristo
Imagens:
Direção de Serviços de Documentação e de Arquivo
Autores dos artigos:
Maria João Seguro, Pedro Maximino
Elaborado em:
2018

SUMÁRIO

Entradas do BLOG 01

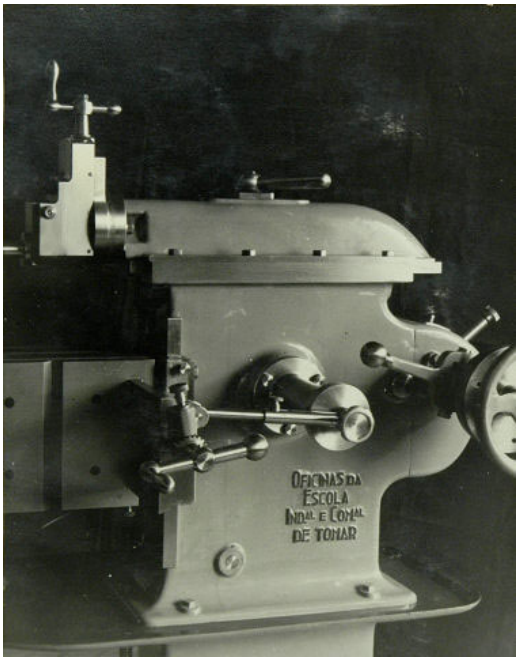
2015/01/07

Arquivos e Património da Sociedade Civil

O congresso "Arquivos e Património da Sociedade Civil. Resgatar a memória da Ação Coletiva em Portugal (Sécs. XIX e XX)" terá lugar nos próximos dias 16 e 17 de janeiro de 2015, promovido pelo Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Neste encontro, de entrada livre, serão debatidos projetos de salvaguarda da memória da ação coletiva, como veículo para a participação cívica na construção da sociedade.

2015/01/14

Peça do mês de janeiro



Fotografia

Imagem parcial de um limador executado nas oficinas da Escola Jácomme Ratton. Na parte inferior do corpo da máquina observa se em relevo "OFICINAS DA ESCOLA IND.AL E COM.AL DE TOMAR". Cor: Monocromática Polaridade: Positivo Tipo: Opaca Orientação: Vertical

Está inventariada com o número ME/400270/124 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária Jácome Ratton.

O limador é uma máquina ferramenta que executa um trabalho em que o corte da apara é realizado através da ação de uma ferramenta cortante que se move de forma retilínea sobre a superfície plana de um corpo. Isto significa, de forma simples, que o limador é uma máquina que executa o corte ou o arrancamento de aparas de forma mecânica. É utilizado sobretudo em peças de pequena a média dimensão e pode ser de dois tipos: horizontal ou vertical. Atualmente é uma peça pouco utilizada, uma vez que a evolução da técnica permitiu a implementação de

outro tipo de aparelhos mais eficazes neste tipo de trabalhos. O limador tornou-se assim, uma verdadeira peça museológica.

Neste caso específico, o limador não só era usado como ferramenta de trabalho nas oficinas escola, mas foi igualmente produzido em contexto das práticas pedagógicas.

2015/01/21

O Laboratório de Química - Os Materiais- I

Saiba mais sobre os materiais didáticos utilizados no laboratório de química para experiências pedagógicas, como é o caso do vidro.

O Laboratório de Química no Museu Virtual da Educação: os materiais- I

No laboratório de química são utilizados vários tipos de materiais com funções e propriedades bastante diferentes. É o caso do vidro.

Um dos equipamentos mais comuns é o balão de vidro, de fundo chato ou redondo.

O balão de fundo chato (Fig. 1) utiliza-se para a dissolução de substâncias através da agitação das mesmas para formar soluções. Pode ser aquecido e no seu interior realizam-se reações diversas com desprendimento de gases.

Figura 2

Figura 1 – ME/400439/406 - Balão

O balão de fundo redondo tem formato esférico, com um gargalo na extremidade superior para enchimento e ligação a outras peças de equipamento laboratorial. É mais utilizado para processos de destilação, servindo de recipiente para o aquecimento energético do fluido até este entrar em ebulição

Figura 2 – ME/401092/49 - Balão

As pipetas e tubos de ensaio (Fig. 3) são igualmente materiais comuns no âmbito laboratorial para testar reações com pequenas quantidades de reagentes ou para transferir líquidos de um recipiente para outro.

Figura 3 – ME/402606/56 – Suporte de provetas

O copo graduado (Fig. 4), ou balão volumétrico, possui uma medida exata de volume e é utilizado para diluir ou preparar soluções com bastante rigor

Figura 4 – ME/401092/89 - Copo

Também a proveta **Fig.** (**5**), ou cilindro graduado faz parte deste material de laboratório, servindo para medir e transferir líquidos, sem muita precisão. A par deste tipo de recipientes podem referir-se tubos de carga, pipetas volumétricas e pipetas regulares.

Figura 5 – ME/400439/410 - Suporte de pipetas

O exsicador **(Fig. 6)** é utilizado nos laboratórios de química para levar o P2OP5 ou sulfato de cobre anidro a secar na atmosfera interior do recipiente. Neste caso é apresentado um exsicador em vidro que no seu interior deverá comportar uma placa **cerâmica ou** metálica circular com orifícios, apoiada no rebordo interior do recipiente que permite assentar copos ou frascos com substâncias a proteger da humidade. A tampa é esmerilada.

Figura 6 – ME/ESDJC/1212 - Exsicador

O funil de vidro (Fig. 7), que serve para transferência de líquidos de um recipiente para outro, também pode ser usado para filtração simples, retendo as partículas sólidas, através de um filtro no seu interior. Encontra-se num suporte de madeira constituído por uma haste incrustada numa base, tendo esta haste uma argola onde é colocado o funil.

Figura 7 – ME/401092/86 - Funil

A retorta (Fig. 8) é um vaso de vidro com gargalo estreito e curvo para destilação, com uma rolha de vidro esmerilada. Pode ter diferentes tamanhos, para uma boa recuperação do destilado. Em utilização a retorta deve estar hermeticamente fechada. O gargalo funciona como condensador dos vapores produzidos no aquecimento, que serão recolhidos num vaso coletor na sua extremidade.

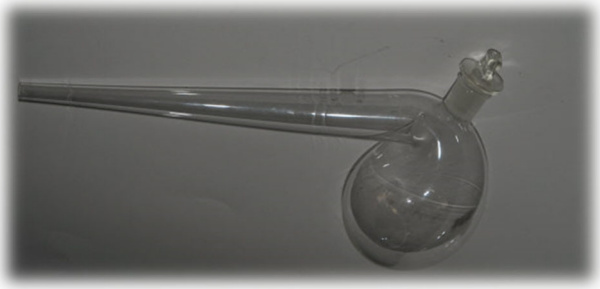


Figura 8 – ME/401092/58 - Retorta

A par deste tipo de materiais existem vários recipientes em vidro destinados a conter substâncias químicas de **(Figura9)** delicado manuseamento, utilizadas na realização de experiências

Figura 9 – ME/401092/55 - Conjunto de reagentes químicos

São geralmente frascos cilíndricos, de diversos tamanhos onde se acondicionam os reagentes.

Figura 10

Os óculos de proteção (Fig. 10) fazem parte do equipamento de segurança de um laboratório, para proteger a visão enquanto se trabalha com químicos reagentes suscetíveis de causar danos aos utilizadores.

Figura 10 ME/400956/187- Óculos

Para além dos equipamentos de utilização diária também existem alguns instrumentos científicos elaborados em vidro. É o caso do aparelho de Kipp (Fig. 11) usado no laboratório de química para a produção de pequenas quantidades de gases, tais como o dióxido de carbono e o sulfureto de hidrogénio. Consiste em duas peças de vidro. A peça superior tem a forma de pêra com uma larga abertura esmerilada na parte superior, acabando sob a forma de um tubo cilíndrico, que entra na parte superior da outra peça de vidro. Esta última, tem duas formas esféricas unidas por uma garganta, sendo uma mais larga do que a outra. A peça tem ainda duas tubuladuras, estando uma delas tapada com uma rolha de vidro. Estas tubuladuras servem para regular o desprendimento de gases.

Figura 11

Figura 11 – ME/401092/96 – Aparelho de Kipp

Bibliografia:

Museu Virtual da Educação (2014) [em linha].
http://edumuseu.sg.min-edu.pt/
[Consulta: 19 de agosto de 2014]

Museu da Física da Escola Secundária Alexandre Herculano (2014) [em linha].
http://mfisica.nonio.uminho.pt/
[Consulta: 26 de agosto de 2014]

Baú da Física e Química. Instrumentos antigos de Física e Química de escolas secundárias em Portugal (2014) [em linha]
http://baudafisica.web.ua.pt/Default.aspx
[Consulta: 19 de agosto de 2014]

2015/01/28

O Laboratório de Química - Os Materiais - II

A porcelana é outro dos materiais utilizados no laboratório de química para o fabrico de instrumentos utilizados em experiências pedagógicas

O Laboratório de Química no Museu Virtual da Educação: os materiais- II

A porcelana é utilizada em materiais de laboratório pela sua resistência e isenção de porosidade. É formada por argila, quartzo, caulim e feldspato. Trata-se de um produto cerâmico de cor branca que se distingue de outro tipo de materiais,

Podemos referir as tinas (Fig. 1), um dos equipamentos mais comuns, utilizadas geralmente para experiências com mercúrio. Neste caso, o modelo apresentado, tem forma de banheira com bico e dois degraus interiores, e serve normalmente para recolher o mercúrio.

Figura 1 – ME/400439/409 - Tina

Muitas vezes é utilizada em conjunto com uma colher de cabo chato (Fig. 2), também elaborada em porcelana que serve para recolha de materiais.

Figura 2 – ME/400439/408 - Colher

O almofariz com pilão (Fig. 3), embora possa ser elaborado noutro tipo de materiais como a pedra, o vidro ou até a madeira, é um recipiente que serve para a trituração e pulverização de sólidos, em poucas quantidades.

Figura 3 – ME/341526/173 – Almofariz com pilão

O cadinho (Fig. 4) é outro dos utensílios utilizados em contexto das práticas pedagógicas nas aulas de Química. Sendo de porcelana, serve para o aqueci-

Figura 4 – ME/403398/66 - Recipiente

mento a seco (calcinação), para a eliminação de substâncias orgânicas, ou para a secagem e fusões. Pode ser utilizado com o bico de Bunsen ou com a mufla. Estes recipientes têm um formato arredondado, cor branca e uma tampa que possui uma pega. Podem ser elaborados noutro tipo de materiais.

Embora já referido, o funil de porcelana (Fig. 5), com base em borracha é outro dos materiais mais comuns em laboratório. No seu interior encontram-se pequenos furos e serve para transferir líquidos ou para filtrações.

Figura 5 – ME/ESAD/364 - Funil

Bibliografia:

Museu Virtual da Educação (2014) [em linha].
http://edumuseu.sg.min-edu.pt/
[Consulta: 19 de agosto de 2014]

Museu da Física da Escola Secundária Alexandre Herculano (2014) [em linha].
http://mfisica.nonio.uminho.pt/
[Consulta: 19 de agosto de 2014]

Baú da Física e Química. Instrumentos antigos de Física e Química de escolas secundárias em Portugal (2014) [em linha]
http://baudafisica.web.ua.pt/Default.aspx
[Consulta: 19 de agosto de 2014]

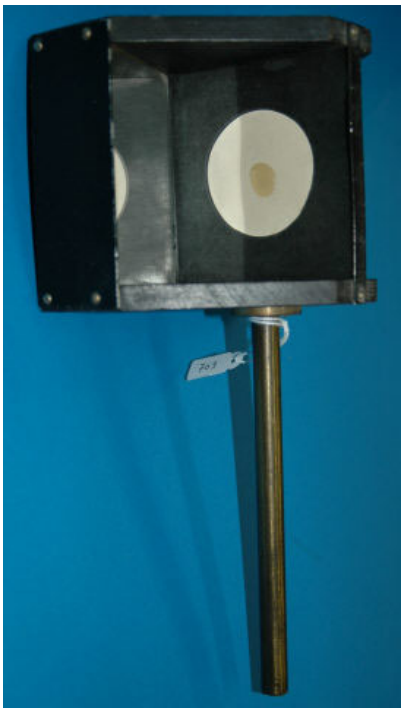
2015/02/03

Tardes no Thalia - Sessão de 4 de Fevereiro de 2015

No dia 4 de fevereiro, a partir das 18 horas, retomam as Tardes no Thalia, com um novo tema a cargo da oradora Joana Maçanita: o vinho, a sua produção e o seu consumo. O momento musical será conduzido pelo Colégio Frei São Cristóvão e pela Academia de Música de Alcobaça.

2015/02/18

Peça do mês de fevereiro



Fotómetro de Bunsen

O instrumento faz parte de uma bancada de ótica com elementos intermutáveis, referenciado no catálogo «W. M. Welch Scientific Company, Chicago, U.S.A.» páginas 282 e 283. Servia para experiências nas aulas de Física. O aparelho é constituído por uma caixa em forma de tronco de prisma em madeira pintada de negro, com duas superfícies espelhadas, fazendo um ângulo aproximado de 120º entre si. Entre estas superfícies está montado um cartão negro com uma superfície circular branca no centro da qual há uma mancha de cera. Este elemento intermédio, reflete-se à esquerda e direita nas superfícies espelhadas. Tem como suporte um tubo cilíndrico em cobre.

Está inventariado com o número ME/401857/703 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária de Gil Vicente.

Este dispositivo, inventado por Bunsen em 1841, destina-se a medir a intensidade da luz através de parâmetros fotográficos, ou seja, converte a luz em corrente elétrica para que esta possa ser medida de acordo com a velocidade de obturação ou com a abertura do diafragma. O fotómetro, em suma, mede a intensidade da luz no ambiente, para aumentar a qualidade das fotografias.

2015/02/25

Exposição virtual: "Herbários no Museu Virtual da Educação"

ME/401250/1720

Visite a exposição virtual sobre "Herbários no Museu Virtual da Educação."

“Um herbário é uma coleção de plantas secas e prensadas, incluindo algas e árvores. Encontram-se dispostas segundo uma ordem predeterminada e o seu objetivo é recolher informações sobre as várias tipologias da flora. As plantas são cuidadosamente pressionadas e colocadas em papel ou cartão, encontrando-se devidamente catalogadas com informações acerca do local onde foram recolhidas, a família, o género e a espécie ou qualquer outro tipo de elemento que permita identificar as categorias taxonómicas. Em constante atualização, o herbário é uma fonte de informações sobre a evolução climatérica, o habitat e a vegetação, podendo ser utilizado como uma fonte para identificação, pesquisa e educação. Quando mantidos em boas condições, os herbários podem durar muitos anos. Este tipo de recolha remonta ao século XVI,

quando surgiram as primeiras coleções de plantas secas. Lineu (1707 - 1778) popularizou os herbários, tendo sido o autor de várias obras de referência para a identificação e designação de plantas. Os exemplares do Museu Virtual da Educação têm origens diversas, mas a maior parte resulta de recolhas feitas por alunos no âmbito das práticas letivas."

ME/402837/27

ME/401092/181

ME/402837/23/18

2015/03/04

Exposição Virtual: "Espólio Museológico da Escola Secundária Aurélia de Sousa"

Visite a exposição virtual

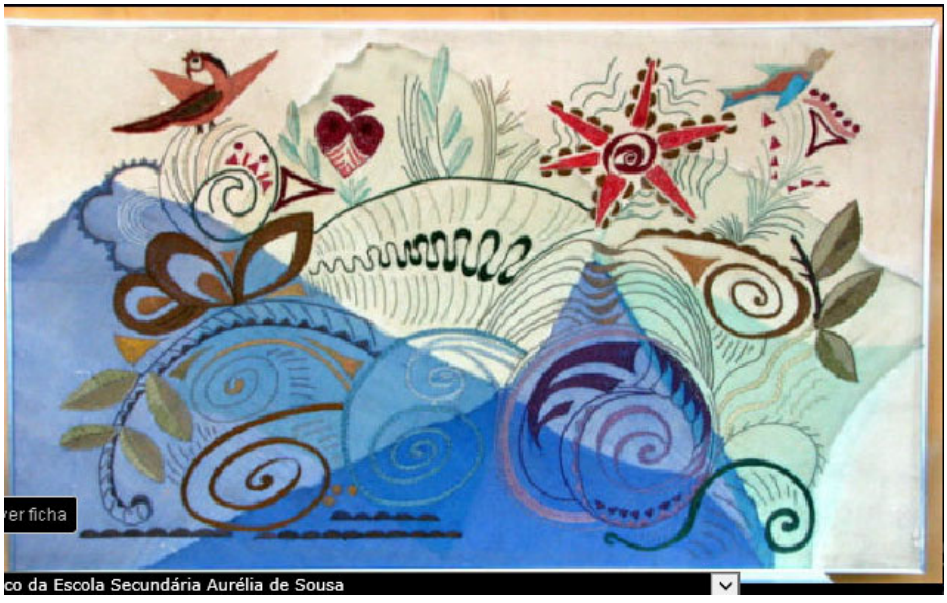
ME/400968/1

"Espólio Museológico da Escola Secundária Aurélia de Sousa".

“A Escola Secundária Aurélia de Sousa foi criada pelo Decreto-Lei nº 37028 de 25 de Agosto de 1948, mas teve origem na Escola Industrial Faria Guimarães. Estava orientada para o ensino técnico devido à crescente necessidade de mão-de-obra mais qualificada. Tinha frequência feminina e integrou a Oficina de Rendas de Vila do Conde, até 1976. Em 1958 instala-se no edifício que hoje ocupa e aí é lecionado o Curso de Formação Feminina, com as especializações de Bordadeira - Rendeira, Modista de Vestidos, Modista de Chapéus e Modista de Roupa Branca. A criação de uma Secção Preparatória em 1955/56 proporciona às alunas o acesso ao Instituto Industrial / Comercial e à Escola Normal (Magistério Primário). A partir do início da década de 70 disponibiliza os Cursos Complementares de Artes dos Tecidos e Secretariado e Relações Públicas. Desta forma, o seu espólio museológico é constituído por muitos

trabalhos de alunas, realizados no âmbito das práticas letivas: bordados, rendas, tapeçarias, entre outros."

ME/400968/71



ME/400968/1

ME/400968/17

2015/03/11

Exposição temporária "Uma Biblioteca Humanista"

A Fundação Calouste Gulbenkian disponibiliza, de 27 de fevereiro a 26 de maio, a exposição com o tema "Uma Biblioteca Humanista. Os objetos procuram aqueles que os amam". Trata-se da biblioteca de José Pina Martins (1920 - 2010), diretor do Centro Cultural Calouste Gulbenkian de Paris e do Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian, bem como presidente da Academia das Ciências de Lisboa. É uma das mais valiosas bibliotecas particulares especializadas em Portugal.

2015/03/18

Peça do mês de março

Ferro de engomar

Ferro de passar roupa feito em metal, aquecido a brasa e com um depósito esférico para o vapor na ponta extrema. A tampa tem uma pega em plástico, fixa ao bojo através de um eixo que permite a abertura do local onde as brasas se encontram. No bojo são colocadas as brasas para o aquecimento do ferro que apresenta vários orifícios pequenos na lateral para facilitar a combustão do carvão.

Está inventariado com o número ME/400993/38 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária Dr. Bernardino Machado.

O ferro de engomar foi e é utilizado com a mesma função: passar tecidos, alisando-os através do aquecimento. Este instrumento, com o formato aproximado ao atual, foi referenciado cerca do século XVII. No entanto, só no século XIX houve uma verdadeira difusão do equipamento, em metal e com um depósito para o carvão aquecido.

Em 1882 foi registada a patente do ferro elétrico por Henry W. Seely e em 1926, do ferro a vapor. O uso comercial do ferro elétrico não foi possível de imediato uma vez que não existia uma rede estável de fornecimento de energia elétrica à população. Em 1924 juntou-se um termóstato regulável para a temperatura e na década de 50 o mercado foi inundado com várias marcas e modelos de ferros de engomar.

2015/03/25

O Laboratório de Química - Os Materiais III

Saiba mais sobre os instrumentos elaborados em metal, utilizados nas práticas pedagógicas de química.

O Laboratório de Química no Museu Virtual da Educação: os materiais- III

No laboratório de química o uso do metal deve-se ao facto de ser bom condutor, com um alto ponto de fusão e ebulição e grande dureza.

Um dos instrumentos mais comuns elaborados neste tipo de material é o tripé (Fig. 1), um aparelho de três pés sobre o qual apoiam diferentes tipos de objetos, conforme a aplicação do utilizador. Geralmente colocam-se aqui materiais que irão ser submetidos a altas temperaturas.

Figura 1 – ME/401857/609 – Tripé com banho-maria

Vários outros equipamentos de suporte são elaborados em metal, devido à sua resistência. É o caso dos suportes simples (Fig. 2), constituídos por um tubo metálico vertical, em cujo topo está montado, em ângulo recto, um suporte com braçadeira regulável para segurar balões de ensaio. Este conjunto tem movimentos ascendentes ou descendentes através de uma manivela.

Figura 2 – ME/401857/487 – Balão em suporte metálico

Para aquecer os materiais, o dispositivo largamente utilizado em laboratório como fonte de aquecimento, com chama é o bico de Bunsen apoiado em base redonda, constituído por um tubo metálico lateral, cuja saída é afilada, tendo sobre esta, e envolvendo-a uma chaminé cilíndrica também metálica de boca circular. A chaminé junto da base e à altura da saída do gás tem uma abertura circular, por onde (Fig. 3), se pode fazer a entrada do ar. Uma anilha, com uma abertura igual à da chaminé, circunda-a, de tal modo que, fazendo-a rodar, pode

Figura 3 – ME/401018/122 – Bico de Bunsen

obturar total ou parcialmente a entrada do ar exterior. Quando a entrada do ar está fechada, a chama é parecida com a de uma vela. Quando essa entrada está aberta, a chama é azulada, menor e de temperatura muito mais (Fig. 4) elevada.

Para o mesmo efeito, aquecimento, também se pode recorrer a uma lamparina metálica. Trata-se de um recipiente em cobre, cuja função é aquecer líquidos ou outras substâncias.

Figura 4 – ME/341526/180 - Lamparina

Por outro lado, também se pode utilizar um instrumento que permite o processo de aquecimento lento, em água fervente, de algo que esteja mergulhado num recipiente: trata-se do banho-maria (Fig. 5). É constituído por um utensílio de cobre com duas asas em ferro. Pode ter medidas variadas que vão de 4,5 a 21,5 cm de diâmetro e que permitem o aquecimento de diversos recipientes. Neste processo as substâncias nunca são submetidas a uma temperatura superior a 100ºC, já que a partir dessa temperatura, todo o calor transferido para a água é

Figura 5 – ME/401092/62 – Banho maria

convertido em energia cinética nas moléculas de água, formando-se vapor.

Por seu turno, a estufa (Fig. 6) é utilizada para técnicas de secagem de sólidos. Encontra-se apoiada em quatro pés de ferro, com válvula para regular a corrente de ar.

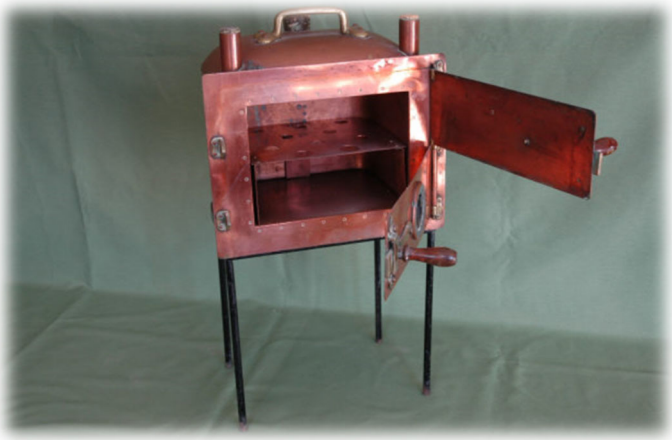


Figura 6 – ME/401018/26 - Estufa

As pinças metálicas são outro tipo de material de apoio à prática pedagógica para retirar ou colocar peças ou movê-las de um lado para outro.

Outro tipo de utensílio muito prático é o compressor circular de rolhas (Fig. 8) que permite adaptá-las aos diferentes recipientes, ao mesmo tempo que dinamiza a aprendizagem da técnica elementar (Fig.7) de preparação de rolhas

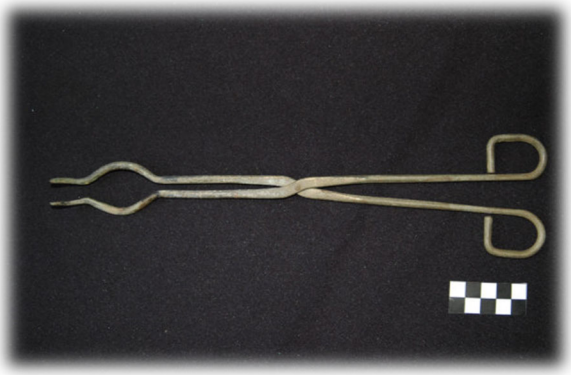


Figura 7 – ME/341526/167 - Pinça

de cortiça para montagem de aparelhos. Tem uma base rectangular de madeira sobre a qual se encontra o moldador metálico, constituído por um círculo, munido de um manípulo e um semi círculo. Entre as duas peças articuladas colocam-se as rolhas que vão ser comprimidas. O aperto é dado à mão pelo esforço exercido sobre o manípulo, de cima para baixo, comprimindo-se a rolha até atingir o diâmetro desejado

Figura 8 – ME/403398/48 - Moldador de rolhas

Com outro tipo de formato, existe o amachucador de rolhas em forma de lagarto **(Fig. 9**), em metal pintado de verde. Cada pata do lagarto tem um furo que permite aparafusar ao tampo de uma mesa e a parte superior é móvel em torno de um eixo horizontal, munida de um manípulo (cauda do lagarto). Entre as duas peças articuladas estão abertas algumas concavidades que se sobrepõem deixando um espaço onde se colocam as rolhas que vão ser comprimidas. O aperto é dado à mão pelo esforço exercido sobre o manípulo, de cima para baixo. Comprime-se a rolha até atingir o diâmetro desejado, de modo que penetre ainda com algum esforço na tubuladura do vaso a que se destina. A sua utilização em contexto das práticas pedagógicas, prende-se com o facto dos laboratórios de Química necessitarem de grandes variedades de rolhas.

Figura 9 – ME/402631/721 - Amachucador de rolhas

Bibliografia:

Museu Virtual da Educação (2014) [em linha].
http://edumuseu.sg.min-edu.pt/
[Consulta: 19 de agosto de 2014]

Museu da Física da Escola Secundária Alexandre Herculano (2014) [em linha].
http://mfisica.nonio.uminho.pt/
[Consulta: 19 de agosto de 2014]

Baú da Física e Química. Instrumentos antigos de Física e Química de escolas secundárias em Portugal (2014) [em linha]
http://baudafisica.web.ua.pt/Default.aspx
[Consulta: 19 de agosto de 2014]

2015/04/01

O Laboratório de Química - Os Materiais IV

Saiba mais sobre equipamento em madeira utilizado no laboratório de química.

O Laboratório de Química no Museu Virtual da Educação: os materiais- IV

A madeira é um material orgânico, sólido, elaborado a partir das fibras de celulose. Trata-se de um material resistente e leve, absorvendo água com facilidade.

Figura 1 – ME/403556/198 - Suporte

Não é o material por excelência de um laboratório, mas alguns equipamentos auxiliares são compostos de madeira, nomeadamente os suportes (Figs. 1 e 2) para diferentes tipos de vidro, ou seja provetas e tubos de ensaio.

Estes suportes têm geralmente um formato retangular ou circular com vários orifícios redondos de diferentes diâmetros onde são colocados os tubos.

Figura 2 – ME/400439/411 - Suporte

Também as pinças podem ser feitas em madeira. Estes objetos são usados para pegar em objetos sem que a mão lhes toque diretamente. É formada por duas partes presas numa extremidade e duas extremidades livres ou em forma de mola (Fig. 3).

Figura 3 – ME/341526/168 - Pinça

Por último podemos apontar a espátula (Fig. 4), que serve para espalmar, estender ou misturar substâncias diversas.

Figura 4 – ME/402310/246 - Espátula

Bibliografia:

Museu Virtual da Educação (2014) [em linha].
http://edumuseu.sg.min-edu.pt/
[Consulta: 19 de agosto de 2014]

Museu da Física da Escola Secundária Alexandre Herculano (2014) [em linha].
http://mfisica.nonio.uminho.pt/
[Consulta: 19 de agosto de 2014]

Baú da Física e Química. Instrumentos antigos de Física e Química de escolas secundárias em Portugal (2014) [em linha]
http://baudafisica.web.ua.pt/Default.aspx
[Consulta: 19 de agosto de 2014]

2015/04/08

O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média

A Biblioteca Nacional disponibiliza uma exposição cujo tema é "O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média", patente ao público até ao dia 15 de maio, com entrada livre. Dando particular relevo ao códice iluminado hebraico, a exposição encontra-se organizada em cinco núcleos temáticos que divulgam um património cultural disperso e de difícil acesso.

2015/04/15

Peça do mês de abril

Cunha de Frick

Instrumento científico utilizado para estudo e observação das propriedades da cunha nas aulas de Física. É uma variante do plano inclinado, inventada por Frick.

Está inventariada com o número ME/402436/1455 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária de Passos Manuel.

O plano inclinado é uma máquina simples, formada por superfícies planas e rígidas que se encontram inclinadas em relação à horizontal. Permitem a multiplicação da força, facilitando tarefas, como é o caso das rampas, utilizadas para o transporte de cargas de um local mais baixo para outro mais elevado.

A cunha é uma peça prismática com base triangular isósceles, elaborada em diferentes tipos de materiais. Na verdade, podemos mesmo considerar que a cunha é formada por dois planos inclinados unidos pela base. A sua aplicação ao plano inclinado resultou na chamada “Cunha de Frick”.

É formada por dois planos opostos que formam um ângulo muito agudo e por uma peça cortante. A parte alargada da cunha é a base e é nesta que se aplica a força. Serve para cortar vários materiais, como a madeira e permite diminuir o esforço humano realizando um trabalho que exige ao utilizador um menor consumo de energia. Este modelo inclui um conjunto de 6 cunhas de tamanhos variáveis.

2015/04/22

Conferência "Certificação Digital: será que é para valer?"

A APDSI (Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação) vai realizar no próximo dia 29 de abril, no Auditório da Escola Profissional Gustave Eiffel, Campus Académico do Lumiar, entre as 14.00h e as 18.00h, a conferência "Certificação Digital: será que é para valer?", sob a coordenação do Eng.º Rafael António. As inscrições são gratuitas.

2015/04/29

Visitas guiadas à Igreja e Museu de São Roque

Durante todo o ano irá ter lugar um ciclo de visitas guiadas, mensais, em torno do acervo histórico e artístico da Igreja e do Museu de São Roque e do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia.

2015/05/06

Macau-China: fontes dos séculos XVI a XIX

No âmbito das comemorações dos 10 anos do Observatório da China, criado com o objetivo de divulgação de conhecimentos sobre esta nação, a Biblioteca Nacional apresenta uma pequena mostra (21 de abril a 30 de maio) e um web site com algumas obras fundamentais para a história de Macau.

2015/05/13

Peça do mês de maio

Anel de Curso

Anel de curso em ouro, com pedra azul clara, facetada, representativo do curso de Ciências. No interior apresenta a seguinte inscrição: "Seomara Primo 29-10-42". A peça encontra-se em estojo revestido a percalina azul-escuro e metal amarelo, apresentando o interior almofadado de veludo azul-escuro, debruado a seda branco-pérola e tampa forrada com cetim da mesma cor e com o carimbo da ourivesaria.

Está inventariado com o número ME/400348/103 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho.

Alguns tipos de anéis são representativos de situações, estados ou rituais de passagem. O anel de curso tem algumas caraterísticas bem definidas, como é o caso de diferentes símbolos na zona lateral e da pedra central, cuja cor é definida pelo curso em questão. A origem desta tradição não é clara, mas aponta-se para um grupo de alunos de West Point, uma academia militar nos Estados Unidos da América, que em 1835 conceberam este tipo de acessório como um ritual de

passagem, permitindo identificar a sua passagem pela referida academia, a turma e o ano.

Este anel de curso, parece ter pertencido a Seomara da Costa Primo (1895 - 1986) que concluiu o Curso de Ciências Histórico-Naturais em 1919 na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Posteriormente, em 1942 defendeu a Tese de Doutoramento, tendo sido a primeira mulher a doutorar-se em Ciências, o que lhe valeu a divulgação do ocorrido na Imprensa quotidiana, bem como o acesso à cátedra de Botânica na Faculdade de Ciências de Lisboa em 1943.

2015/05/20

Exposição virtual "O Microscópio no Museu Virtual da Educação"

ME/404445/97

Visite a exposição virtual sobre o tema "O Microscópio no Museu Virtual da Educação".

“O microscópio é um aparelho utilizado para visualizar estruturas de tamanho extremamente reduzido, como por exemplo as células. O olho humano tem um limite de resolução, pelo que necessita de instrumentos para poder observar objetos de pequenas dimensões. Pensa-se que o microscópio tenha sido inventado em 1590 por Hans e Zacharias Janssen, fabricantes de óculos de origem holandesa. No entanto, os primeiros registos de observações microscópicas de materiais biológicos foram efetuados por Antonie van Leewenhoek (1632 - 1723). Robert Hooke, a partir de 1665, fez o registo de várias observações realizadas por si ao microscópio, de animais e plantas, tendo reproduzido em desenhos o resultado desses trabalhos de investigação. A evolução do microscópio permite-nos dividi-los basicamente em duas categorias: o microscópio ótico, que funciona com um conjunto de lentes (ocular e objetiva) que ampliam a imagem trespassada por um feixe de luz. Tem uma base sobre a qual se encontra um espelho, para captar os raios de luz natural ou artificial e

assim iluminar as preparações; e o microscópio eletrónico, que amplia a imagem através de feixes de eletrões. No Museu Virtual da Educação existem inúmeros modelos de microscópios, utilizados em contexto das práticas pedagógicas de ciências naturais."

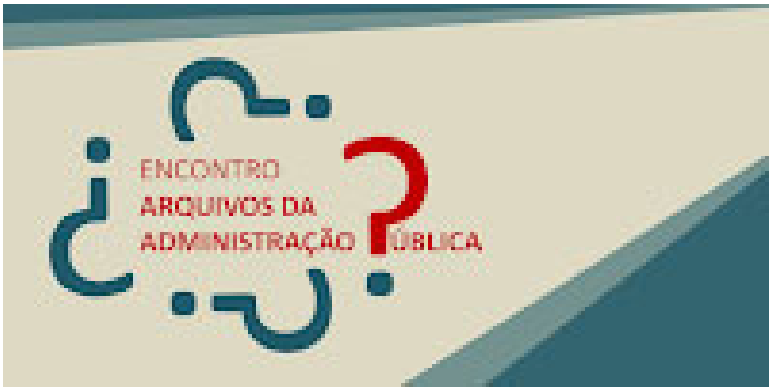
ME/402321/261

ME/400725/45

ME/172431/33

2015/05/27

Encontro Arquivos da Administração Pública



O Encontro Arquivos da Administração Pública terá lugar nos dias 2 e 3 de junho na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O objetivo deste encontro será compreender a importância dos arquivos públicos e a gestão dos mesmos, criando bases para tratamento e divulgação desse património, identificando os principais constrangimentos e desafios.

2015/06/03

5.º Encontro de Arquivos Empresariais

O 5.º Encontro de Arquivos Empresariais terá lugar no próximo dia 9 de junho no Arquivo Distrital de Leiria. Este encontro organizado pelo Grupo de Trabalho dos Arquivos Municipais e pelo Grupo de Trabalho de Gestão de Documentos de Arquivo da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD) pretende sublinhar a importância das boas práticas de gestão da informação, bem como dos arquivos empresariais para a construção da memória social.

2015/06/09

"Os Governos Civis de Portugal. História, Memória e Cidadania"

O espólio documental dos Governos Civis, atualmente extintos, tem um papel de relevo na reconstituição da história regional e nacional. A Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna levou a cabo o projeto "Os Governos Civis de Portugal. História, Memória e Cidadania" que disponibiliza on-line uma base de dados onde é possível obter uma enorme panóplia de informações, desde o século XVI até à atualidade. A documentação considerada histórica foi salvaguardada e preservada nos Arquivos Distritais das áreas respetivas, bem como nas Câmaras Municipais. A documentação ativa está à guarda da Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna.

2015/06/17

Peça do mês de junho

Ave-do-paraíso

Espécime taxidermizado que servia para o estudo das aves nas aulas de Ciências Naturais. Este exemplar encontra-se colocado sobre uma base de madeira redonda, da qual se eleva um poleiro, onde a ave está assente. A ave-do-paraíso é uma designação que engloba 14 géneros e cerca de 43 espécies diferentes.

O grupo é típico da Australásia e está presente nas regiões tropicais do Norte da Austrália, Nova Guiné, Indonésia e Ilhas Molucas. As aves-do-paraíso habitam principalmente zonas de floresta tropical.

Tem como característica mais marcante a plumagem exuberante dos machos da maioria das espécies, utilizada como ornamento nos rituais de acasalamento. São aves de pequeno a médio porte, medindo entre 15 a 120 cm de comprimento, incluindo a cauda. O grupo é notório por dimorfismo sexual extremo. O bico é curto e forte e adaptado a uma alimentação omnívora, baseada em frutos, folhas e

animais como anfíbios, insetos e outros invertebrados. Devido à sua plumagem, bastante cobiçada, é uma ave em vias de extinção. Classificação Científica –

Reino: Animalia; Filo: Chordata; Classe: Aves; Ordem: Passeriformes; Família: Corvidae; Subfamília: Corvinae.

Está inventariada com o número ME/402436/1600 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária de Passos Manuel.

2015/06/24

Exposição Virtual: "Invertebrados no Museu Virtual de Educação"

ME/402631/464

Visite a exposição virtual sobre o tema "Invertebrados no Museu Virtual da Educação".

“O estudo da zoologia é feito sobretudo através da observação e comparação anatómica. No que respeita aos animais invertebrados, o Museu Virtual da Educação dispõe de imagens parietais, mas sobretudo de espécimes conservados em líquido ou dispostos em quadros didáticos. O termo invertebrado refere-se a seres que não possuem tubo neural com posição dorsal em relação ao tubo digestivo e fossetas branquiais ao nível da faringe, ou seja, são animais desprovidos de esqueleto interno e coluna vertebral. Outras características comuns são a formação multicelular, a ausência de parede celular e reprodução geralmente sexuada. Os invertebrados constituem cerca de 95% das espécies que habitam o planeta e dividem-se em várias categorias: artrópodes, moluscos, celenterados, poríferos, equinodermos, platelmintes e anelídeos.”

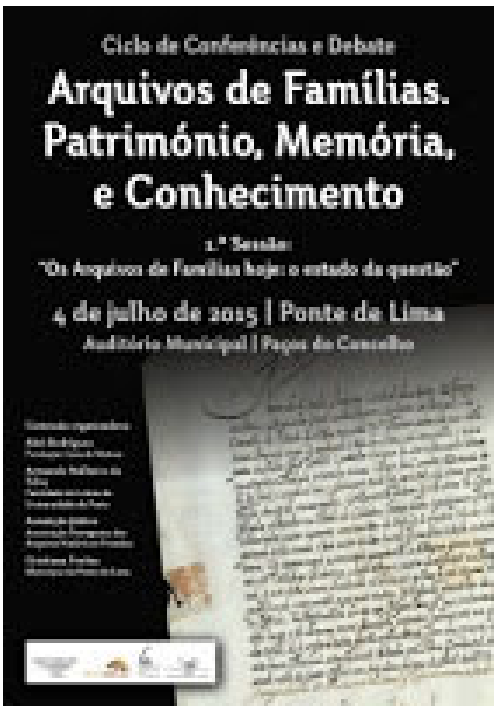
ME/402436/1669

ME/402631/464

ME/172431/53

2015/07/01

Arquivos de Famílias. Património, Memória e Conhecimento - Ciclo de Conferências



O ciclo de conferências "Arquivos de Famílias. Património, Memória e Conhecimento" inicia-se no dia 4 de julho, em Ponte de Lima com um encontro subordinado ao tema "Os Arquivos de Família hoje: o estado da questão".

2015/07/08

"No mar estava escrita uma Cidade... 450 anos da fundação do Rio de Janeiro"

No âmbito das comemorações dos 450 anos da fundação histórica do Rio de Janeiro a 1 de março de 1565, a Biblioteca Nacional organizou uma exposição de acontecimentos representativos, com base nas suas coleções. A exposição estará patente ao público até ao dia 24 de julho.

2015/07/15

Peça do mês de julho

Caixa de costura

Caixa de costura em madeira executada na oficina de carpintaria da escola na prova de aptidão profissional de carpinteiro-marceneiro. Posteriormente passou a ser utilizada na disciplina de formação feminina para acondicionar novelos de linha. Consta de uma caixa com divisórias e duas tampas articuladas, suportada por duas hastes em "V" invertido.

Está inventariada com o número ME/400270/748 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária Jácome Ratton.

A caixa de costura, tão importante como uma caixa de ferramentas, deve estar organizada de forma meticulosa para facilitar o trabalho e conter algumas peças básicas. Estes itens incluem tesoura, linhas de várias cores, agulhas, alfinetes, fita métrica, dedal, botões e outro tipo de material usado na costura.

2015/07/27

Jorge Ferreira de Vasconcelos: um Homem do Renascimento

Zelotypo. Eufrosina. Siluia de Sousa.

Comedia Eufro
sina. De nouo reuista, & em
partes acrecẽtada. Impressa
em Coimbra.

Aos dez de Mayo
M. D. LX.

Esta exposição insere-se nas comemorações do V centenário do nascimento de Jorge Ferreira de Vasconcelos (1515-1585), importante comediógrafo quinhentista que em muito contribuiu para o desenvolvimento do teatro português. Estará patente ao público até ao dia 28 de agosto. A Biblioteca Nacional disponibiliza on-line as obras digitalizadas deste autor.

2015/07/29

Exposição virtual: "Mamíferos no Museu Virtual de Educação"

Visite a exposição virtual sobre o tema "Mamíferos no Museu Virtual da Educação".

“O estudo da zoologia ocupa um lugar de destaque nos tipos de materiais didáticos utilizados em contexto das práticas pedagógicas de ciências naturais. Estudar, conhecer, explorar e comparar anatomicamente diferentes animais era uma componente letiva de caráter muito prático, cujos materiais disponíveis ocupam uma percentagem considerável do espólio museológico de cada instituição. Estas diferentes espécies de mamíferos podem ser encontradas no Museu Virtual da Educação, quer através de imagens parietais, quer através de espécimes taxidermizados ou conservados em líquido. Os mamíferos são uma classe de animais vertebrados, que possuem caraterísticas comuns: são vivíparos, com presença de glândulas mamárias que permitem a produção de leite para a alimentação das crias, pele coberta com pêlos, temperatura constante, e coração com 4 cavidades. Os mamíferos incluem cerca de 5500 espécies distribuídas em 1 200 géneros, 152 famílias e 46 ordens. As diferentes espécies de mamíferos apresentam uma enorme diversidade corpórea, de locomoção, alimentação e adaptação ao habitat, encontrando-se distribuídos por todo o mundo, incluindo mamíferos marinhos. “

ME/402436/1547

ME/402709/2

ME/401018/308

2015/08/12

Estruturas da revista Guião: revista para graduado da Mocidade Portuguesa

Estruturas da revista *Guião: revista para graduado* da Mocidade Portuguesa

Fonte: DSDA

Guião: revista para graduados foi uma publicação periódica irregular, editada pela Organização Nacional Mocidade Portuguesa, cujos diretores eram: A. Castelo Branco (Diretor principal), Carlos G. Vicente (Diretor artístico) e F. Elmano Alves (Chefe de redação). O formato inicial era 24x16 cm, com bastantes imagens, quer através de fotografias, quer através de ilustrações várias.

Os números 12 (mar./abr. 1951) e o número 22 (jan. 1953) apresentam o índice geral de conteúdos, sendo que cada número apresenta a parte antecedente (esta publicação periódica encontra-se na Biblioteca Histórica da Secretaria Geral do Ministério da Educação e Ciência, sob a cota M.P. PP 7).

De início o *Guião* apareceu como uma publicação de cariz pedagógico e, mais tarde, ampliando conteúdos e públicos, o próprio formato e o título sofreram algumas mutações consideráveis. Com o formato 24x16, o *Guião* ostentou algumas variações a nível do subtítulo, entre os anos de 1949 e 1953:

1. ***Guião: revista para graduados (n. 1, mai. 1949) – (n. 5, jan.-fev. 1950)***
   a. ***Guião: revista para graduados da M.P. (n. 6, mar./abr. 1950) – (n. 20, out./nov. 1952)***
   b. ***Guião (n. 21, dez. 1952) – (n. 22, dez. 1952) – (n. 22, jan. 1953)***

A nível mais geral, o título permanece, mas o subtítulo, o formato e os conteúdos mudam radicalmente, entre a sua criação e o seu términus (1949-1958):

1. ***Guião: jornal para rapazes (de 1953 a 1954)***
2. ***Guião (de 1954 a 1955)***
3. ***Guião: cristandade, lusitanidade, ordem social (de 1956 a 1958)***

Atendendo ao público-alvo, este era diretamente o Graduado da Mocidade Portuguesa, cuja finalidade é, pois, melhorar a obra educativa dos "rapazes" da Mocidade Portuguesa:

> "Estão de parabéns os graduados da Mocidade Portuguesa […]. Com o objetivo de estreitar os laços de camaradagem […]. A revista desejará reunir em si a colaboração de todos os Graduados, aceitando todas as sugestões que tenham por fim melhorar a obra educativa a que nos votámos […]" (Viana, 1949:4)

A Mocidade Portuguesa apresenta a revista *Guião* como manual de procedimentos para uniformizar a ideologia de dirigentes, ou seja, a revista deverá ser (i) um utensílio didático para graduados, (ii) um modelo pedagógico – educar rapazes e, (iii) uma forma de facilitar tramites administrativos entre membros.

> "[…] a Revista [Guião: revista para graduados] deverá ser uma conserva entre Graduados dos 4 cantos de Portugal. Conversa alta – bem entendido – e produtiva. Ao ler o Guião, o Graduado sentir-se-á atraído para os ideais da Mocidade, nele encontrará matéria nova e útil para educar os rapazes e, sempre que estiver a braços com

dificuldades, não tem mais que escrever uma carta para a Redacção […]"(Guião, N. 1, 1949:2)

Fonte: DSDA

O *Guião*, composto e impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Barreiro, iniciou a sua publicação a 28 maio de 1949 e, como verificamos, destinava-se à formação técnica e ideológica dos graduados da Mocidade Portuguesa e, a seu modo, vinha preencher um plano intermédio – por um lado figura-se um boletim para dirigentes e, por outro, é uma revista de ideais para a juventude (Cf. Nóvoa, 1993:494).

Enquanto veículo para assegurar a formação de graduados, o conteúdo deste periódico reparte-se por quatro grandes núcleos pedagógicos:

1. **Preparação ideológica-doutrinária:**
Exaltação nacional e temáticas daí resultantes, quer no âmbito da Mocidade Portuguesa, quer na disseminação de informações dos comandantes, entrevistas e opiniões para a definição de uma mentalidade cooperativa da Mocidade Portuguesa.

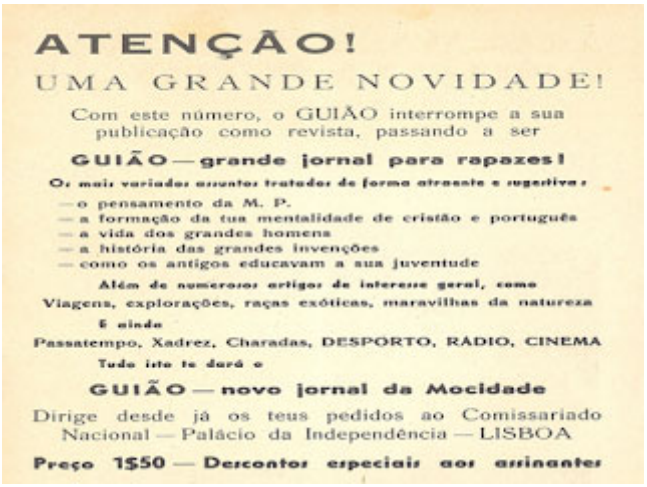
2. **Normas de condutas de dirigentes**
Estabelecimento de parâmetros de comando nos diversos graus hierárquicos e, consequente apoio, a várias atividades, tais como acampamentos, desfiles, alinhamentos, etc.

3. Normalização de atividade desenvolvidas

As atividades desenvolvidas em diversos núcleos de atuação e em acampamentos da Mocidade Portuguesa são normalizadas.

4. Formação religiosa

A religião subjacente à Mocidade é a Católica Apostólica Romana. Esta serve de inspiração para todas as práticas a desenvolver, como por exemplo, realização de eucaristias nos acampamentos, participação em cerimónias e leitura instrutivas afins.



ATENÇÃO!

UMA GRANDE NOVIDADE!

Com este número, o GUIÃO interrompe a sua publicação como revista, passando a ser

GUIÃO — grande jornal para rapazes!

Os mais variados assuntos tratados de forma atraente e sugestiva:

— o pensamento da M. P.
— a formação da tua mentalidade de cristão e português
— a vida dos grandes homens
— a história das grandes invenções
— como os antigos educavam a sua juventude

Além de numerosos artigos de interesse geral, como Viagens, explorações, raças exóticas, maravilhas da natureza

E ainda Passatempo, Xadrez, Charadas, DESPORTO, RÁDIO, CINEMA

Tudo isto te dará o

GUIÃO — novo jornal da Mocidade

Dirige desde já os teus pedidos ao Comissariado Nacional — Palácio da Independência — LISBOA

Preço 1$50 — Descontos especiais aos assinantes

Fonte: Guião, n.º 22 (1953?)

Em *Guião*, número 22 (jan. 1953), foi apresentada sua interrupção, não obstante, contínua com a denominação *Guião: grande Jornal para rapazes*! i. e. ***Guião: jornal para rapazes*.** Neste novo título e formato (40x29 cm), os conteúdos são mais amplos e generalista. São enunciados novos conteúdos que vão desde (i) ideais da Mocidade Portuguesa, (ii) formação de mentalidades, cristã e nacionalista, (iii) biografias e conhecimento da história-pátria, (iv) pedagogia aplicada à da juventude, (v) até a artigos e passatempos de usufruição.

Bibliografia:

CAETANO, Marcelo. *A missão dos dirigentes: reflexões e directivas sobre a Mocidade Portuguesa.* Lisboa: Mocidade Portuguesa, 1952.

GUIÃO: REVISTA PARA GRADUADOS. Lisboa: Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, 1949-1958.

NÓVOA, António, dir. *A imprensa de educação e ensino: repertório analítico (século XIX-XX).* Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

VIANA, Luís Ribeiro. "Passo em frente". in: *Guião: revista para graduados*. Lisboa: Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, 1949-1958.

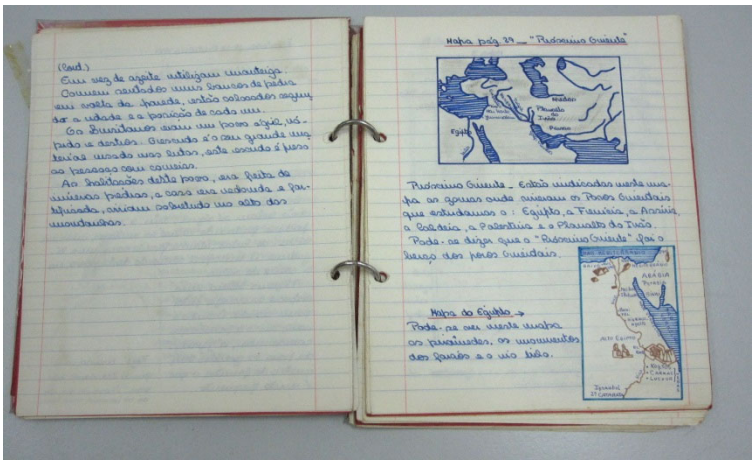
2015/08/19

Peça do mês de agosto

Caderno escolar

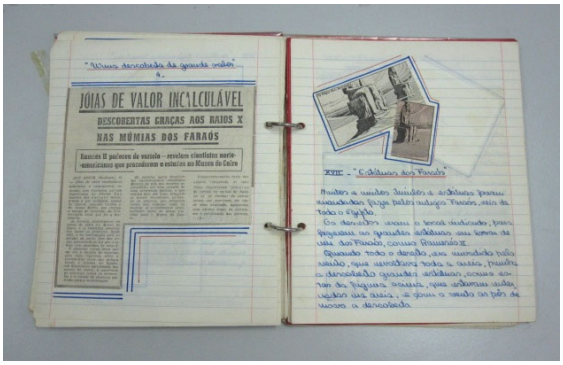
Caderno escolar de História que inclui os sumários, desenhos, mapas, recortes e um pequeno dicionário de vocabulário histórico no final. Pertenceu a um aluno da Escola Comercial D. Maria I.

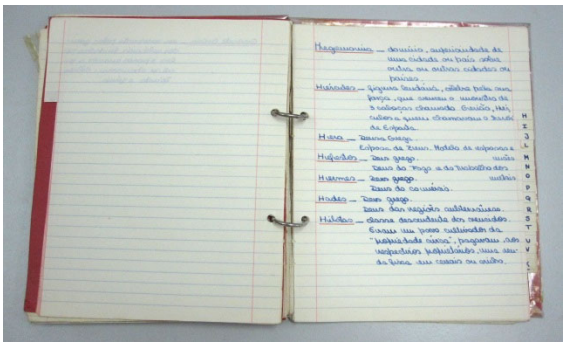
Está inventariada com o número ME/ESDMF/115 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária David Mourão-Ferreira, à guarda da Secretaria-Geral do Ministério da Educação e Ciência.

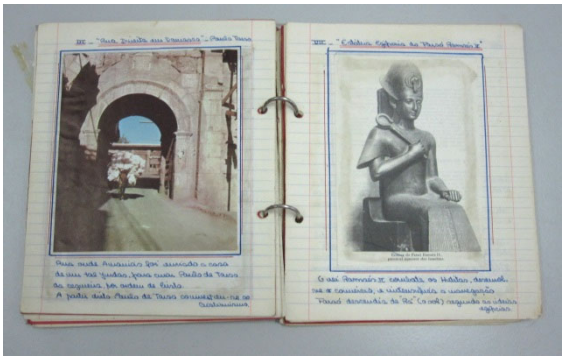


A importância da existência do caderno escolar deve-se ao fato deste se tornar o espaço de escrita por excelência, onde o aluno realiza a sua aprendizagem. Ao aluno cabe, portanto, a ordenação deste espaço com os meios que encontra ao seu dispor: esquemas, figuras, imagens, desenhos, gráficos, recortes de jornal.

Neste caso trata-se de um dossier, que permite a acumulação progressiva do material de estudo.







2015/08/26

Guião: revista para graduados da Mocidade Portuguesa - Depoimento de Severino de Santana Filho (Parte I)

Severino Farias de Santana Filho, mestrando em Ciências da Informação e da Documentação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, está a realizar o seu estágio na Biblioteca da Secretaria Geral do Ministério da Educação e Ciência, cujos objetivos são: "descrever o conteúdo documental das partes componentes dos 22 volumes editados entre 1949 a 1953 da publicação periódica **Guião: revista para graduados** da Mocidade Portuguesa de forma a recuperar os principais elementos bibliográficos."

No depoimento do mestrando constam três partes e, respetivamente três ficheiros: no primeiro são efetuadas apresentações pessoais e institucionais, bem como os objetivos do estágio; no segundo é descrita uma breve resenha bibliométrica da Coleção Mocidade Portuguesa à guarda da Biblioteca História da Educação da Secretaria-Geral do Ministério da Educação e Ciência; e finamente, no terceiro ficheiro são esboçados enquadramentos histórico-bibliográficos da publicação periódica *Guião da Mocidade Portuguesa.*

2015/09/14

Peça do mês de setembro

Fantascópio (acessório)

Disco em cartão, com várias posições de bailarina para ilustrar a persistência das imagens sobre a retina. O disco era inserido num fantascópio ou phenokisticopio (objeto composto de um disco metálico maior do que o de cartão, disposto paralelamente a este e rodando sobre um eixo horizontal em suporte vertical com pega). Imprimindo um movimento de rotação ao aparelho e observando o cartão através das aberturas equidistantes do contorno do disco maior, tem-se a sensação de que são executados os movimentos correspondentes às diversas atitudes representadas pelas bailarinas. Está inventariada com o número ME/400348/126 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho.

A difusão da lanterna mágica por toda a Europa, motivou o aparecimento de um novo espetáculo denominado “Fantasmagoria” que fez sucesso devido aos seus efeitos acústicos e luminosos. Criando a ilusão da animação com desenhos sequencialmente dispostos, o fantascópio foi inventado por Robertson (Étienne-Gaspard Robert), um físico belga, em 1883. Combinado com a lanterna mágica, mas montado num suporte móvel, permitia obter efeitos especiais nunca vistos.

2015/09/23

Silveira Ramos fala sobre o "Guião: revista para graduados da Mocidade Portuguesa"

Alberto Coutinho da Silveira Ramos (1902-1977):

"O nosso inspetor Silveira Ramos, como é conhecido por gerações de graduados do Algarve, que passaram pela E.R.G.A., trabalha na M.P. desde a primeira hora. Diretor em 1938 do Centro do Liceu de Faro, é Delegado Provincial do Algarve em 1940. Cria a primeira Casa da Mocidade do País e desenvolve intensa atividade com um punhado de graduados e dirigentes entusiastas. Em 1942 vem para Lisboa e presta valorosa assistência à equipa do "Guião" - revista dos graduados - onde ainda insere numerosos artigos dedicados às técnicas de formação de rapazes. A partir de 1948 trabalha na E.R.G.A. (Escola Regional de Graduados do Algarve), de que assume o comando no ano seguinte. Presentemente é Diretor - no Liceu Normal de Pedro Nunes de Lisboa – de um curso da M.P. em que os alunos são professores estagiários dos Liceus […]" (*Talha-Mar: jornal dos graduados*, 1958).

A. C. da Silveira Ramos numa entrevista publicada na *Revista Talha-mar: Jornal dos graduados* em 1966, esboça curiosidade e objetivos do *Guião: revista para graduados*.

À pergunta, como surgiu a ideia de lançar o *Guião: revista para graduados*, Silveira Ramos fundamenta tal necessidade para aperfeiçoar os graduados, quer a nível técnico, quer a nível pedagógico:

1. **Dinamizar experiências** – a Escola Central de Graduados, cujo Diretor foi o Major Ribeiro Viana e o Impostor Fialho Rico, apresenta resultados inestimáveis na formação de graduados. Torna-se indispensável o aproveitamento epistemológico deste saber prático e divulgá-lo através da imprensa periódica;
2. **Formação continua** – continuar a formação de graduados e ativar as atividades gerais dos graduados através de uma revista com pedagogias adequadas;
3. **Divulgar o regime** – impregnar os instruendos com elementos de "portuguesismo na sua atuação";
4. **Entusiasmar** – manter o ideal através da missão de realizar a "educação do rapaz pelo rapaz"

Apesar desta preocupação "nacionalista", a publicação permaneceu apenas quatro anos, desde 1949 (n. 1, 28 de maio 1949) até 1953 (n. 22, fev. 1953). Não obstante, teve continuidade em outra publicação com formato e objetivos similares (*Talha-Mar: revista para graduados*). A "morte" do Guião deve-se, segundo Silveira Ramos, ao "gosto de mudar por mudar e de apresentar coisas novas, deixando de aproveitar a experiência já feita."

A entrevista que transcrevemos na íntegra aborda vários assuntos referentes ao *Guião: revista para graduados* e, sobretudo, a continuidade desta publicação periódica – *Talha-mar; revista para graduados*. Silveira Ramos refere-se às necessidades da continuação de estudos, assim sendo, as revistas são excelentes instrumentos pedagógicos – "o *Guião* dos graduados ressuscitou no *Talha-mar*." Este simples aspeto veio demonstrar a eficácia das publicações periódicas para o ensino cooperativo.

Passemos, então à entrevista:

Passados oito anos da fundação do "Talha-Mar", não quisemos deixar de registar nas nossas colunas o depoimento de uma pessoa que desde sempre tem acompanhado a M. P., e muito especialmente as iniciativas dos seus Graduados. Atenção, pois, o I. Q. Dr. Silveira Ramos vai falar.

Diga-nos, Senhor Inspetor, passados oito anos da fundação do "Talha-Mar", algo que possa interessar à História do "Talha-Mar" e à História da M. P.

As suas palavras sugerem, para já, algumas perguntas.

O Senhor inspetor, com a sua predileção pela arte de perguntar, faz lembrar o processo utilizado por Sócrates na procura da Verdade.

Sócrates. Mestre admirável da Arte de interrogar, meu Mestre e Mestre de Todos os Educadores que procurem incessantemente, como ele, distinguir o verdadeiro do falso, o justo do injusto, o ensino passivo com discurso da educação ativa com diálogo… Quando tinha a vossa idade, estudava Ciências Físico-químicas na Universidade do Porto, mas nada sabia de Sócrates nem mesmo de Filosofia, que mais tarde reconheci ser indispensável para realizar uma Educação a sério.

Mas não estudou Filosofia no curso liceal?

Nem um segundo! Frequentei o Curso Complementar de Ciências no Liceu de Alexandre Herculano (Porto), em 1918-1919 e 1919-1920. Neste tempo, quem seguia Ciências não estudava Filosofia. É estranho, mas é assim mesmo. Sou um "self-made man" em Filosofia, para utilizar uma maneira de dizer corretamente usada pelos anglo-saxónicos. Quanto a Inspetor, deixe-me dizer-lhe que não inspecionou nada. Isto vem de que, em 1940, fui nomeado Delegado Provincial do Algarve, como então se dizia, e, tendo deixado a delegação em 1942, fiquei com o posto que tinha – Inspetor. Esta designação fica melhor, quanto a mim, quando é substituída pela de Inspetor-Orientador. Mas está assim determinado e não falemos mais nisso.

De facto, o aspeto positivo da orientação é sempre indispensável e bom é que fique bem explícito.

Por reconhecer que é assim, tenho procurado esclarecer-me a mim mesmo nos assuntos pedagógicos e projetar esse esclarecimento. Toda a Ação foi Pensamento; será eficaz, se o Pensamento é claro e bem trabalhado, será ineficiente ou medíocre, se o Pensamento for confuso, abstrato ou desligado das realidades objetivas – daí a necessidade de cultivar a Reta Razão.

Que me diz relativamente à história do "Talha-Mar"?

A História do "Talha-Mar" deve ser feita por uma equipa, nunca por um só. Vou dar-lhe achegas que, juntas a outras, podem ser úteis ao que pretende.

Ouvi-lo-ei com muito gosto.

Sempre gostei muito da História – História da Física, História da Química, História da Medicina, História da M. P., etc. – porque os ensinamentos que resultam do seu estudo, o encadeamento das ideias e dos factos tal como realmente surgiram, o conhecimento do esforço da vontade e da persistência desse esforço, o exemplo dos homens que se entregaram a um ideal útil aos outros e à construção do futuro – os ensinamentos que se colhem, ia a dizer, valorizam a nossa maneira de pensar e de agir.

Faltou falar da História de Portugal

Devo dizer que a história de Portugal, que adoro e recomendo a todos os portugueses que a estudem, saboreando-a, nem sempre a vi da mesma maneira. Quando a aprendi, para cumprimento dos programas escolares (Ministério da Instrução), nunca me fizeram sentir o prazer espiritual e a Formação Portuguesa que deve acompanhar o seu estudo. Agora (Ministério da Educação) em muita parte deve ser o mesmo. O "Talha-Mar" e o Boletim MP" têm procurado desenvolver o gosto pelo estudo da História Pátria, passada e atual, por vários meios. É preciso dar Alma a esse estudo. O "Boletim MP" tem feito uns questionários que me parecem ser muito úteis. Não sei até que ponto terão sido realizados…

Desde que se aplique o que lá vem, nada serve o que lá se escreve.

Sim, temos de compreender claramente a diferença entre palavras e factos. Indicamos os processos, fornecemos os elementos; os Dirigentes e Graduados na sua atuação nas Atividades Gerais e juntamente com as práticas gimnodesportivas devem aproveitar todas as oportunidades para realizar Formação Portuguesa.

Se assim não for, não passamos de músculos e competições.

E como ninguém pode dar aquilo que não tem, segue-se que há necessidade de estudos e meditação – desse estudo e meditação que o "Talha-Mar" fomenta e o "Boletim MP" também.

Embora interessante tudo o que acaba de dizer, não nos desviemos do rumo colher elementos para a História da M. P. e do "Talha-Mar" em especial.

Tenho muito para lhe dizer. Reconheço ser impossível condensá-lo numa só entrevista. O que lhe vou dizer fica muito incompleto, mas, certamente, é melhor do que nada.

"O bom é inimigo do ótimo" – o conhecido aforismo tem aqui, também, a sua aplicação.

É assim mesmo como diz. E como a História de Portugal começa antes de D. Afonso Henriques, com os Lusitanos e o seu grande Chefe Viriato, assim também a História do "Talha-Mar" vem de trás. Vem da admirável Revista dos Graduados – "O Guião".

Recorda-se bem dos Graduados que serviram no "Guião"?

Se me recordo, desses admiráveis soldados da Campanha da Educação Nacional – o C. F. Castelo Branco (Diretor de início), o C. F. Carlos Lima (Diretor que se lhe seguiu), o C. B. Elmano Alves, o C. F. Tovar de Lemos, o C. F. José Palmeirim, o C. F. Fernando Lima e outros!

Como surgiu a ideia de lançar "O Guião"?

A Escola Central de Graduados tinha por essa época como Diretor o então Major Ribeiro Viana e o I. Q. G. Fialho Rico. Tanto a um como a outro, a M. P., neste campo de Formação de Graduados, ficou devendo inestimáveis serviços. Tornava-se necessário continuar pelo ano fora a Formação dos Graduados, ativar as Atividades Gerais, prolongar a Escola através de uma Revista que relembrasse os conhecimentos pedagógicos e técnicos, que aperfeiçoasse os Graduados ao contacto com a Ação Educativa, que os levasse a repensar nos problemas, que impregnasse de Portuguesismo a sua atuação – em suma, que mantivesse e aumentasse a chama do ideal e do entusiasmo, e também dos conhecimentos técnicos, em quem tinha a alta missão de realizar a *educação do rapaz pelo rapaz*. O I. Q. G. Fialho Rico foi o grande animador de "O Guião", como Dirigente "sempre presente, nunca adsorvente".

O Senhor Inspetor esteve também junto dos Graduados de "O Guião"?

Fui desde 1949 o Diretor da Escola Regional de Graduados do Algarve (curso de Verão) – compreendia o Algarve e o Baixo Alentejo –, que tinha sido fundada em 1943 pelo Dr. J. Romão Duarte, então Delegado Provincial do Algarve. De modo que fui também chamado para acompanhar "O Guião" nesta missão de realizar o Binómio Dirigente-Graduado, sempre tão necessário para atingirmos os nossos objetivos.

Quando saiu o primeiro "Guião"?

A 28 de maio de 1949.

E o último?

O último, que é o número 22, deve ter saído por janeiro ou fevereiro de 1953.

Porque é que morreu uma Revista tão boa e tão útil?

Quanto a mim, há uma causa profunda que está na base da sua extinção e que se encontra muitas vezes na vida portuguesa – o gosto de mudar por mudar e de apresentar coisas novas, deixando de aproveitar a experiência já feita. O "Guião"–Revista do Graduado, foi substituído por um Jornal para Todos.

Que nome tinha esse Jornal?

Também se chamada "Guião", apesar de o nome se referir ao guião da Escola, da Escola de Graduados.

Mas é estranho que se tenha utilizado o mesmo nome.

Eu também penso que sim. Mas as coisas passaram-se desta forma.

Deveriam ter sofrido muito com o desaparecimento da Revista dos Graduados – "O Guião"!

Muitíssimo, meu amigo, como pode calcular; lembro-lhe de ter dito para o I. Q. G. Fialho Rico: "Morreu "O Guião" (Revista dos Graduados), mas "O Guião" há de ressuscitar!"

Quando começou o novo "Guião"?

O primeiro número saiu a 1 de maio de 1953.

E tinha condições de vida?

Como nunca.

Quando terminou?

Com o número 83, que tem a data de 27 de abril de 1957.

Acha bem o Jornal para Todos?

Sim. Mas há que equacionar este problema – como outros que nos aparecem – entrando com todos os dados. Um deles é a questão das prioridades. Se se dispõe de meios suficientes – este Jornal para Todos é muito útil. Mas se não se dispõe, tem prioridade um Jornal de Graduados. Que sirva de lição com que a experiência veio enriquecer os nossos conhecimentos. Como vê, a História é sempre útil.

Mas há quem não aprenda com a experiência…

Talvez é verdade – a estupidez humana tem muita força. É uma realidade que temos de aceitar.

E quanto ao Boletim para os Dirigentes?

Morreu também pela mesma ocasião.

E não foi substituído?

Foi, sim, de certo modo, mas de uma maneira que logo se me afirmou eficaz.

E como se chamava?

“Esmeraldo”.

Era boa, essa publicação?

Era boa sob o ponto de vista cultural; mas se considerarmos o outro aspeto de formação da vida quotidiana das nossas Atividades e da maneira como se deviam realizar para decorrerem dentro do estilo de vida M. P. – nada nos dizia.

O que lhe sucedeu?

Morreu ao fim de algum tempo, como não podia deixar de ser. O número 1 saiu em 1954 e o número 13 (o último) em 1956.

E depois?

Depois… o vácuo.

Causou prejuízo à vida e progresso da nossa Organização?

Sim; estragos fáceis de compreender e difíceis de reparar. Como sabe, as nossas Atividades Gerais e o nosso campismo Educativo, embora parte de um TODO, são de importância essência. Através delas é que o Graduado atua principalmente como Chefe de rapazes. E o bom Graduado depende em grande parte do bom Dirigente.

E depois desse vácuo?

O “BOLETIM MP” voltou a aparecer em janeiro de 1964, cerca de oito anos depois!

E quanto a "O Guião"?

Estávamos a 5 de abril de 1958, dia memorável para a Educação Nacional (muita gente não entenderá assim, mas isso é lá com eles). O "Guião" dos Graduados ressuscitou no "Talha-Mar".

Tanto dirigentes como Graduados deviam ter sentido uma grande alegria quando surgiu o novo Jornal dos Graduados.

Imensa como pode calcular.

Pode juntar alguns pormenores?

Sob a direção do C. F. Fernando Lima, que, com inteligência e com alma, concretizou o pensamento do I Encontro Nacional de Graduados (1 a 4 de agosto de 1957); com as condições de vida que lhe deu o Dr. Romão Duarte, então Comissário Nacional Adjunto, iniciou-se a vida do "Talha-Mar". Havia um Corpo de Graduados bem definido e uma atuação desse Corpo como comunidade educacional ao nível rapaz. Era necessário criar nas sedes das Divisões os Núcleos de Graduados. Havia que dinamizar todo o Corpo. O "Talha-mar", sem descurar a Doutrina e a Técnica da M. P., tinha agora a principal função de servir de apoio à realização do Movimento.

Continua confiando no "Talha-Mar"?

Confio tanto – e não é um confiar teórico e abstrato, mas concreto e feito de real convívio – que, sem "Talha-Mar", não acredito na eficiência do Corpo de Graduados; sem Graduados, não acredito na possibilidade de compreensão, nem na realização do muito que há ainda a fazer pela vida e progresso da Educação Nacional.

Tem mais alguma coisa a dizer-nos?

Só mais duas palavras, por agora. A História de Portugal, do passado e de hoje, pode comparar-se a uma luta de tração: de um lado, estão o Infante D. Henrique e Nun'Alvares Pereira – nossos Patronos; todos "aqueles que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando"; os Soldados e Marinheiros desconhecidos da História Pátria de todos os tempos; aqueles que estão

servindo nas Forças Armadas nos tempos de hoje; os Dirigentes; graduados e Filiados da M. P. e da M. P. F.: e todos os que, na sua profissão ou no seu lar realizam no dia-a-dia, conscientemente, como Portugueses, a vida e o progresso da Nação […].

A equipa "Talha-Mar", sector da M. P. que, por sua vez, faz parte da Educação Nacional, lá está do lado dos Patronos! Nesta luta escolheu o lado onde está a Bandeira vitoriosa de Aljubarrota.

Com esta Bandeira – a de D. João I – venceremos!

Referências bibliográficas:

Talha-mar: jornal dos graduados. N. 1 (1958).
Talha-mar: jornal dos graduados. N. 109 (1966).

2015/09/30

12.º Congresso Nacional BAD - 21 a 23 de outubro - Évora

Entre 21 e 23 de outubro irá decorrer em Évora o 12.º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, subordinado ao tema "Ligar. Transformar. Criar Valor".

2015/10/07

Laboratório "Hércules"

No âmbito dos eventos que terão lugar antes do Congresso BAD, realizar-se-á uma visita ao Laboratório Hércules (Herança Cultural, Estudos e Salvaguarda) conduzida por António Candeias (diretor) no dia 20 de outubro, entre as 15.00 e as 17.30 h, em Évora. Trata-se de um centro de investigação cujo objetivo é a conservação, valorização e estudo do património cultural.

2015/10/14

Peça do mês de outubro

Estandarte

Estandarte pertencente à Mocidade Portuguesa Feminina. Trata-se do emblema da Mocidade Feminina, com as armas de Portugal da época de D. João I, figura mentora da organização. Apresenta na zona exterior 12 castelos e quatro pontas da cruz verde floretada da Ordem de Avis. Ao centro, estão os cinco escudos e as chagas. Tem formato triangular, fundo branco e no canto superior esquerdo possui o n.º 1.

Está inventariada com o número ME/MP/600 e pertence ao espólio museológico da Mocidade Portuguesa, à guarda da Secretaria-Geral do Ministério da Educação e Ciência.

A Organização Nacional Mocidade Portuguesa, mais comumente conhecida como Mocidade Portuguesa foi criada em maio de 1936. O seu objetivo era o desenvolvimento da capacidade física dos jovens, a formação do seu caráter e a devoção à pátria, que se traduzia no gosto pela ordem, pela disciplina e pelos deveres morais, cívicos e militares, princípios consagrados no Regimento da Junta Nacional de Educação. Pretendendo a "Renascença da Pátria", a MP tomou como símbolos a bandeira nacional e a bandeira de D. João I, bem como as figuras de D. Nuno Alvares Pereira e o Infante D. Henrique.

A “Secção Feminina da Organização Nacional Mocidade Portuguesa”, mais conhecida por Mocidade Portuguesa Feminina (MPF), promovida pela Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN) foi criada em 1937 e estava focada no desenvolvimento do gosto pelo trabalho coletivo e da organização da vida doméstica para um cabal desempenho da missão da mulher na família.

O Comissariado Nacional foi o órgão criado com o objetivo de dirigir a Mocidade Portuguesa, nomeado diretamente pelo Ministro da Educação Nacional, conforme o Decreto-Lei 26.661. Deste Comissariado faziam parte um Comissário Nacional, quatro Comissários Nacionais Adjuntos, também nomeados pelo Ministro, e um Secretário Inspetor que executava as diretrizes do Comissariado, coordenava os serviços e era responsável pela publicação de um Boletim Oficial.

O Comissariado criou Direções de Serviço adequadas às atividades da MP, nomeando Delegados Provinciais (Divisões) e Subdelegados Regionais (Alas). Existia igualmente um hino e um plano de uniformes da Mocidade Portuguesa, aprovado a 4 de dezembro de 1936, através do Decreto 27 301, substituído a 7 de Janeiro de 1938 pelo Decreto n.º 28410.

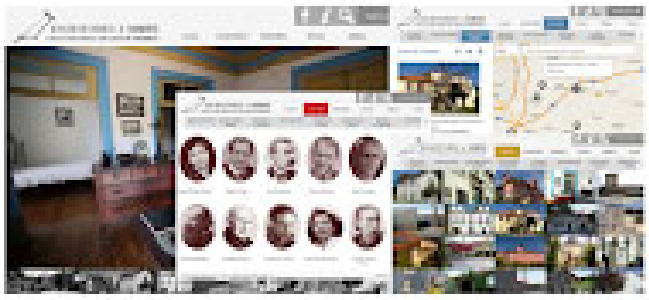
Todos os jovens e crianças dos 7 aos 14 anos, escolarizados ou não, deviam obrigatoriamente estar filiados. A estrutura da Mocidade Portuguesa dividia-se em quatro escalões etários:

- Lusitos (7 aos 10 anos);
- Infantes (10 – 14 anos);
- Vanguardistas (14 aos 17 anos);
- Cadetes (17 aos 25 anos).

As MP e MPF foram extintas a 25 de abril de 1974 pela Junta de Salvação Nacional pelo Decreto-Lei nº 171/74.

2015/10/21

Projeto "Escritores a Norte, vidas com obras em casas de d'escritas"



Promovido pela Direção Regional da Cultura do Norte, este projeto visa a dinamização de escritores e das respetivas casas-museu, divulgando o turismo literário. Inicialmente, fazem parte destes projetos os escritores Guerra Junqueiro, Domingos Monteiro, Aquilino Ribeiro, Graça Pina de Morais, Miguel Torga, Mário Cesariny, Camilo Castelo Branco, Pina de Morais, Lisa Pina de Morais, Ferreira de Castro, Eça de Queirós e José Régio. Através do site podemos aceder a uma pequena biografia, ao espaço físico dedicado a cada um dos escritores, a uma cronologia, roteiros, temas e obras.

2015/10/28

A revista "Esmeraldo: Política e Humanismo"

A revista
ESMERALDO: POLÍTICA E HUMANISMO

"*Esmeraldo é uma nova revista editada pelo Comissariado da Mocidade Portuguesa de Lisboa, que acaba de sair a lume [1954]. O subtítulo, Política e Humanismo, indica suficientemente os objetivos que pretende atingir esta nova publicação e quais os caminhos para onde endireita os seus passos. O título 'bela e misteriosa palavra que um sábio e um herói português escolheu para princípio da obra', tem o seu quê de misterioso verbo, sabe a roteiro sempre antigo, sempre novo e sempre português. Esmeraldo quer ser um roteiro em*

Politica e em Humanismo. À nova Revista, sob a direção do Dr. Luís Ribeiro Soares, auguramos longa e próspera vida (Palácio da Independência, Largo de S. Domingos, Lisboa).”
Tavares (1954:188)

O ano da publicação, 1954, será, pois, uma escolha sensata de instrução e “princípio de obra” humanista e sociopolítica. O humanismo, nesta época, apresenta-se como um conjunto de ideais e princípios que valorizam as ações humanas, ou seja, esta corrente ideológica sedimenta-se em categorias morais e, desta forma, recoloca o *homem* como *ente* principal no mundo. Como verificamos, esta perspetiva ética atribui importância à dignidade e às capacidades humanas, particularmente, à racionalidade, tal como *Esmeraldo* professa ao logo dos 13 números de publicação.

> “É entretanto no Criador de todos os seres que deparamos o Sumo Bem – Ele é o próprio Bem. Logo há um compromisso de analogia entre o Ser por excelência e os demais seres. Estes são bens, embora infinitamente menores.” (Costa, 1954:29).

Em *Esmeraldo*, o humanismo é perspetivado de uma forma cristã. São enumeros os artigos sobre tal temática, onde a epistemologia e a religião se intercruzam. O cristianismo, como sabemos, tem uma concepção elevada do ser humano e reafirma a dignidade e a sacralidade da vida: todo o indivíduo reflete a imagem do Criador, como afirma Costa (1954:29), o Criador é o Sumo Bem. Ao longo dos séculos, essas convicções enraizam-se no indivíduos, comunidades e nações.

A par destas preocupações sociopolíticas, tão próprias da época, no N. 1 da revista – “princípio Esmeraldo porquê e para quê?” –, são esboçados (i) *objetivos, (ii) conteúdos e (iii) finalidades* da sua publicação que, segundo entendemos, podem ser esquematizados do seguinte modo:

1. **Estrutura** – “*bela e misteriosa palavra*”
2. **Objetivo** – *“roteiro português*”
3. **Modelos de investigação** – *“vanguarda e juventude pelo estar”*
4. **Nacionalismo** – *“Deus nos plantou aqui à beira mar”*
5. **Saudosismo** – *“como um rosário, outras palavras”*

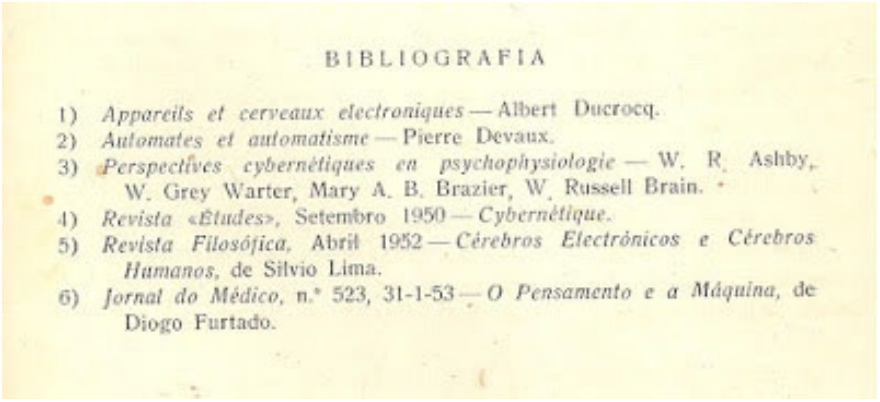
São apresentadas as orientações metodológicas em *Esmeraldo* e delineados conteúdos a seguir (reflexões humanistas e sociopolíticas). Não esquecendo, porém, os contornos nacionalistas vs. saudosismo tão próprio da época do Portugal de então, vejamos:

"Esmeraldo é obra que faz e guarda, contém algo, algo que é, muito singelamente, um roteiro, um roteiro português […]. Qualquer coisa que indica caminho bom e seguro, entre tantos possíveis, […] aquilo que guia e orienta, que cota a solidão e a vastidão […]. E assim, Esmeraldo, que surge, misteriosamente como principio de obra, só por força de beleza do seu mistério […]. Pois tememos à beira-mar do nosso mar a primeira palavra de roteiro. A palavra de arranque: Esmeraldo! Atrás dela hão-de vir, saídas de misteriosos fundos, presas umas às outras como contas de rosário, […]" (Mocidade Portuguesa, 1954:3).

A revista *Esmeraldo* começa a sua publicação em 1954 e termina dois anos mais tarde, em 1956, com publicações irregulares, distribuída por treze números. O diretor é Luís Ribeiro Soares e a propriedade, como não podia deixar de ser, é do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa e a composição é efetuada nas Oficinas de Coimbra Editora. No que diz respeito ao preço, a assinatura é 30$00 cada seis números e os números avulso custam 7$50 cada.

As primeiras duas capas apresentam uma organização minimalista: letras brancas, ao logo de toda a capa – *ESMERALDO* - em fundo verde. As capas posteriores apresentam uma lista na parte superior (15x5 cm) com a designação *ESMERALDO Política & humanismo* e, na parte inferior, a descrição do Autor / Artigo (por ex.: Mário de Albuquerque * É contra a honra).

A esmagadora maioria dos artigos apresentam conteúdos científicos (epistemologia, humanismo, etc.) e, consequentemente, estão munidos de referências bibliográficas e, mesmo, com pequenas bibliografias, ainda que elementares:



BIBLIOGRAFIA

1) *Appareils et cerveaux electroniques* — Albert Ducrocq.
2) *Automates et automatisme* — Pierre Devaux.
3) *Perspectives cybernétiques en psychophysiologie* — W. R. Ashby, W. Grey Warter, Mary A. B. Brazier, W. Russell Brain.
4) *Revista «Études»*, Setembro 1950 — *Cybernétique.*
5) *Revista Filosófica*, Abril 1952 — *Cérebros Electrónicos e Cérebros Humanos*, de Silvio Lima.
6) *Jornal do Médico*, n.º 523, 31-1-53 — *O Pensamento e a Máquina*, de Diogo Furtado.

Fonte: Ribeiro, (1954:43)

A bibliografia encontra-se alfabetada, a palavra de ordem privilegia o título em relação ao autor. Alguma das vezes, a bibliografia é substituída por referências bibliográficas ao longo do texto. Veja-se a este respeito, por exemplo, o artigo *Direito e psicologia* da autoria de António João Bispo. Todas as páginas apresentam várias referências bibliográficas, não obstante, estas não são organizadas em bibliografia final (Cf. Bispo, 1956:47 ss).

Bibliografia:

BISPO, António João. “Direito e psicologia”. in: *Esmeraldo: Política e humanismo*, N. 1 (1956), p. 35-46.

COSTA, João Afonso Viana da. “Fundamentos augustinianos para u humanismo” in: *Esmeraldo: Política e humanismo*, N. 1 (1954), p. 23-31.

ESMERALDO: POLITICA E HUMANISMO. Lisboa: Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, 1954-1956.

MOCIDADE PORTUGUESA. *Ao princípio… Esmeraldo porquê e para quê*? in: *Esmeraldo: Política e humanismo*, N. 1 (1954), p. 3-4.

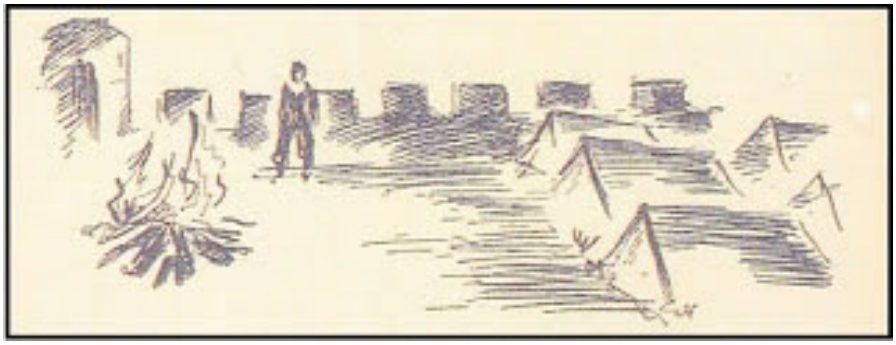
RIBEIRO, João Maria Salvado. “Cibernética e máquina pensantes”. In: *Esmeraldo: Política e humanismo*, N. 1 (1954), p. 32-43.

TAVARES, Severiano. “No centenário da morte de Platão” in: *Revista Portuguesa de Filosofia*, T. 10, fasc. 2 (Abr./Jun. 1954), p. 188.

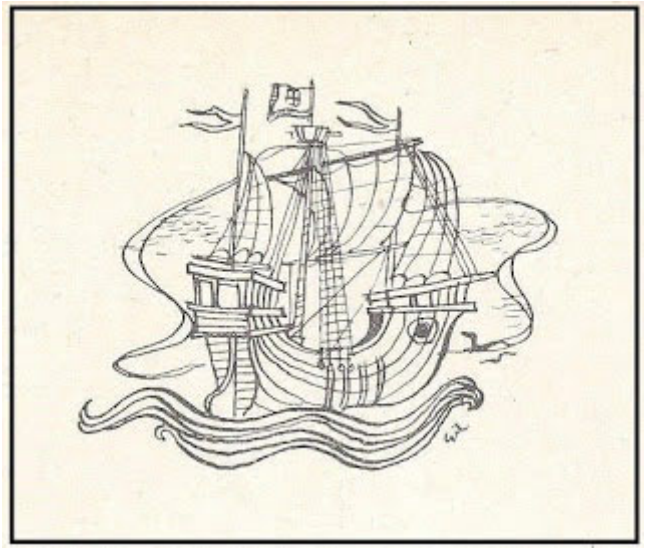
Luís Ribeiro Soares (Lisboa, 14 de novembro de 1911 — Lisboa, 28 de julho de 1997), reconhecido filósofo e professor. Fez os seus estudos secundários no Liceu Camões e cursou depois a Faculdade de Direito onde foi aluno de Marcelo Caetano, mas acabaria por se formar em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em julho de 1950. Com 22 anos entrara para o Banco de Portugal, no qual já trabalhava seu pai e onde ascendeu em 1951 a Conservador da Biblioteca. Nos anos 40 fez parte da redação do jornal *Acção* e nesta década até inícios da seguinte (1952) exerceu importante atividade no âmbito da política cultural portuguesa através do Secretariado Nacional de Informação, dirigido pelo jornalista e escritor modernista António Ferro, onde ocupou as funções de chefe de secção.

2015/11/04

Júlio Coelho da Silva Gil



Júlio Gil, nome completo Júlio Coelho da Silva Gil, nasceu em Lisboa, 24 de abril de 1924 e veio a falecer a 11 de abril de 2004, foi um ilustrador, cartoonista, arquiteto, pintor e escritor português.



Júlio Gil, em colaboração com os fotógrafos Augusto Cabrita e Nuno Calvet, publicou uma série estudos sobre arquitetura portuguesa, sendo o primeiro

destes *As mais belas vilas e aldeias de Portugal* (1984). Em colaboração com o fotógrafo Nuno Calvet, escreveu *Nossa Senhora de Portugal, Santuários Marianos.* Entre outras, a publicação *pos mortem,* editada em 2014 - *Azulejos da Igreja de São Lourenço – Matriz de Alhos Vedros*[1], também da sua autoria.

Iniciou a sua carreira de cartoonista na "escola" da Mocidade Portuguesa, ao ilustrar as publicações oficiais da referida Organização. A revista Guião: cristandade, lusitanidade, ordem social em 1957 refere e homenageia Júlio Gil da seguinte forma:

"Em fevereiro de 1945, num catálogo da exposição de desenhos do filiado Júlio Gil escrevia-se: 'Ilustrador de grande merecimento, dotado de uma maneira muito pessoal, revolucionária e presente, tem ilustrado centenas de assuntos, criando, inventando, desenhando às mãos cheias por livros, jornais e revistas. É, atualmente, aluno da Escola de Belas Artes de Lisboa e talvez caiba à Mocidade essa sedutora responsabilidade. O Júlio Gil está a começar – e bem. Não é ainda aquilo que queremos que seja – mas daqui a alguns anos, quando ele for o 'arquiteto Júlio Gil', seja de facto aquilo que queremos'.

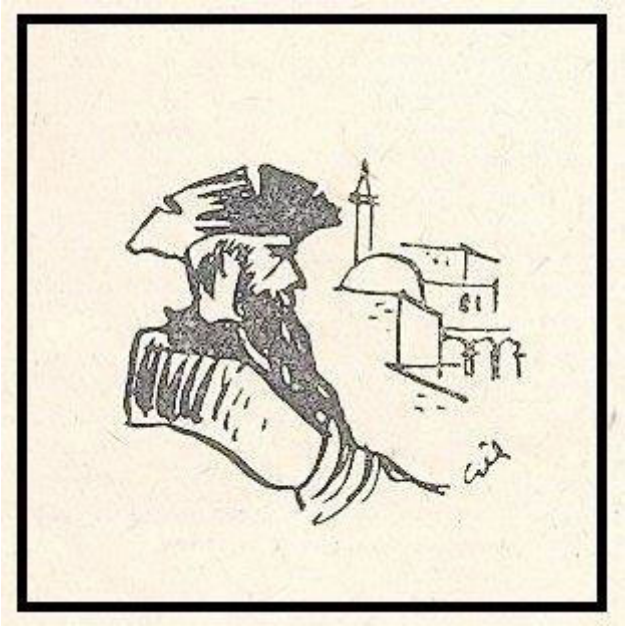
[1] No âmbito das comemorações dos 500 anos do Foral de Alhos Vedros, o presidente da Câmara Municipal da Moita e a comissão executiva convidam para a apresentação do livro "Azulejos da Igreja de São Lourenço Matriz de Alhos Vedros", de Júlio Gil.

12 anos volvidos, esta página do 'Guião' vem confirmar as esperanças que a Mocidade um dia depositou em Júlio Gil ao franquear-lhe as portas do Salão Nobre do Palácio da Independência para a sua primeira exposição individual.

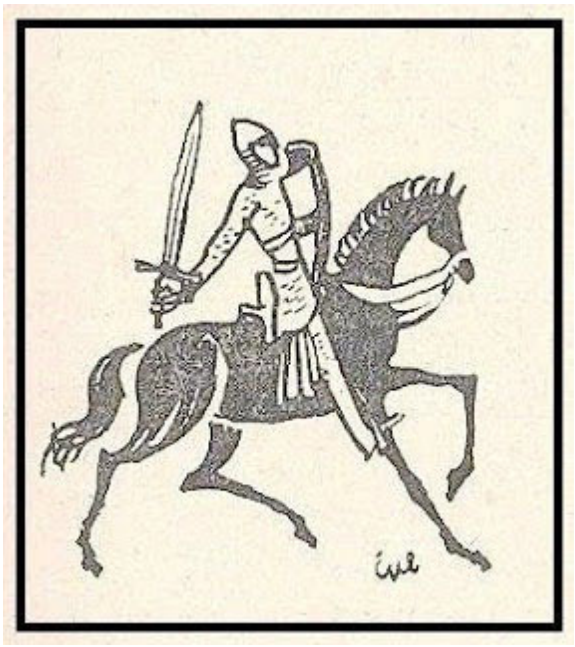
Para os que não creem no futuro, para os que negam a obra da Organização, esta página é um fervoroso desmentido, um irrefutável argumento contra o azedo 'dizer mal' dos incrédulos da nossa terra.

Agora redobram as centenas de ilustrações suas. E, como desejou o autor das linhas do catálogo, o arquiteto Júlio Gil continua a ser um nosso camarada, um artista da Mocidade.

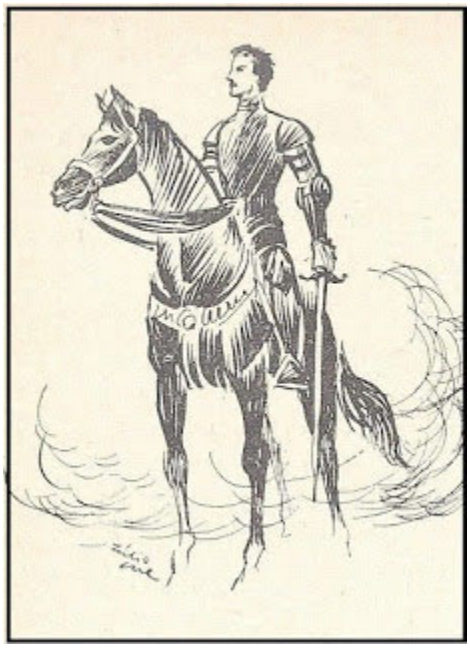
Esta simples e pequena página – quantos desenhos tivemos de pôr de lado – não é, pois, mais do que um preito de amizade ao nosso primeiro artista; não um reconhecimento piegas, um elogio burguês de quem se sente aliviado por dizer que gosta dos seus desenhos; mas, antes, um reconhecimento franco, viril, com espírito M. P. - que é uma coisa que Júlio Gil faz transbordar dos seus desenhos – pela sua obra dentro da Organização e fora dela." (Guião: cristandade, lusitanidade, ordem social, 1957, p. 7).



Júlio Gil, como verificamos, começou a dar os primeiros passos na sua arte de ilustrar, nas primeiras publicações periódicas da Mocidade Portuguesa, nomeadamente, em o *Guião: revista para graduados,* por tal, foi amplamente reconhecido pela Mocidade Portuguesa com "um reconhecimento franco, viril, com espírito M. P."



Na década de 50, como sabemos, o contexto artístico vive numa dualidade extremada. Por um lado, existem produções *"romântica*s*"* que espelhavam ideias de folclóricos de felicidade (esboços de lides quotidianas) e, por outro, exibe-se o rigor das artes aplicadas, por exemplo na feitura de parietais e outro tipo de material pedagógico.

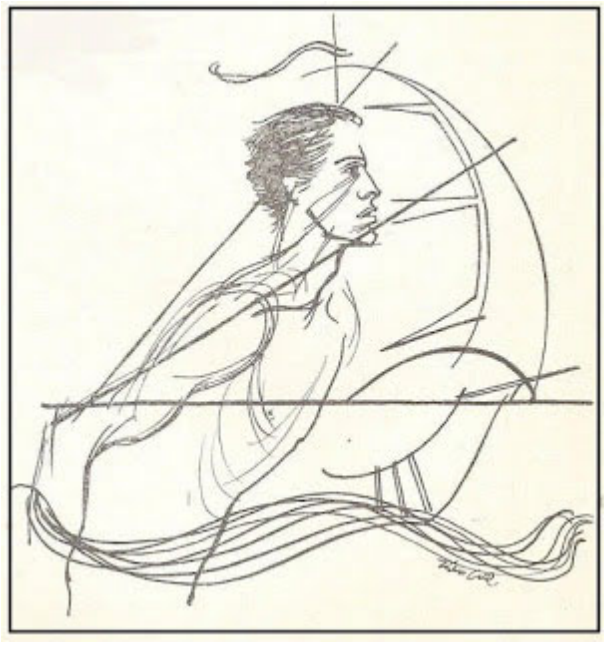


Neste contexto, o Estado Novo difundiu obras que tinham como objetivo prioritário a apologia do regime vigente, tendo como detentor as virtudes, a raça e a continuidade das glórias passadas, esta condicionante origina obras de caráter histórico e/ou apologético e, acima de tudo, o reforço das tendências moralizantes em detrimento da realidade vivida.

Júlio Gil, fortemente impregnado destes ideais, deixa transparecer nas ilustrações da revista *Guião* atitudes apologéticas e fortemente moralizantes, quer através de orações explícitas, quer através de evocações gloriosas. Para além deste aspeto, verifica-se que os traços dominantes espelham uma cultura dominada pelas imagens da *What Disney*, bem como pela BD que invadia a europa. Nesta linha estética de Gil aparecem grandes nomes das artes portuguesas, tais como, Noronha da Costa, José de Lemos e Tòssan, entre outros.

> "Júlio Gil das técnicas de impressão que marcam a expressão de muitos ilustradores desta época. Grandes manchas de cor planas complementadas por um desenho de contornos negros que pretende acrescentar apenas alguns pormenores à imagem." (Silva, 2011, p. 124)

As ilustrações de Gil são muito datadas, ainda assim, como afirma Susana Silva, são reconhecidas pelas suas "cores planas" acompanhadas com traços espessos (manchas) e outros mais finos pormenorizados.



Estas ilustrações que fazem parte da publicação periódica *Guião: revista para graduados*, ilustrações estas que, acompanham todo o percurso da revista,

desde o seu começo 1949 (n. 1, 28 de maio 1949) até ao seu término em 1953 (n. 22, fev. 1953).

Bibliografia:

Câmara Municipal da Moita. *Apresentação do livro "Azulejos da Igreja de São Lourenço"* [em linha]. Moita: Município da Moita, 2014. [Consult. 28 julho 2015]. Disponível em

Guião: cristandade, lusitanidade, ordem social. A. 1949-1953

Júlio Coelho da Silva Gil. Rolho: cursilhos de cristandade, Torres Vedras, Mafra [em linha]. N. 103 (mai./jun. 2004), p. 3. [Consult. 28 julho 2015].

Julio Gil: um artista da Mocidade. Guião: cristandade, lusitanidade, ordem social. N. 66 (mai. 1957), p. 7

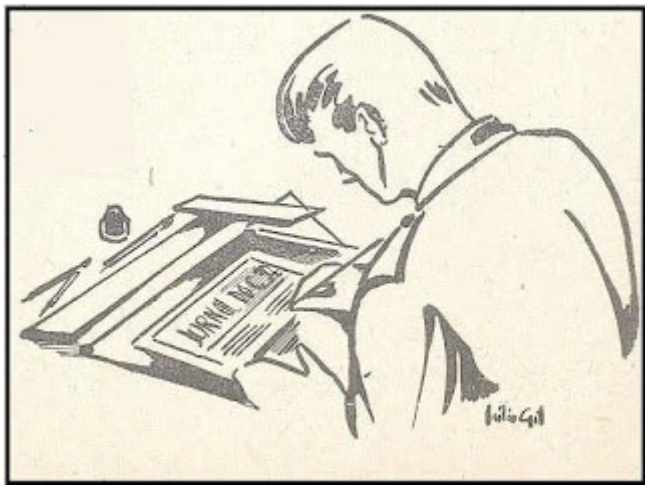
Silva, Susana Maria Sousa Lopes - *A ilustração portuguesa para a infância no século XX e movimentos artísticos: influências mútuas, convergências estéticas* [em linha]: [S.l.: Susana M.S.L. Silva], 2011. (Tese de doutoramento em Estudos da Criança (ramo de conhecimento em Comunicação Visual e Expressão Plástica). [Consult. 28 julho 2015].

2015/11/11

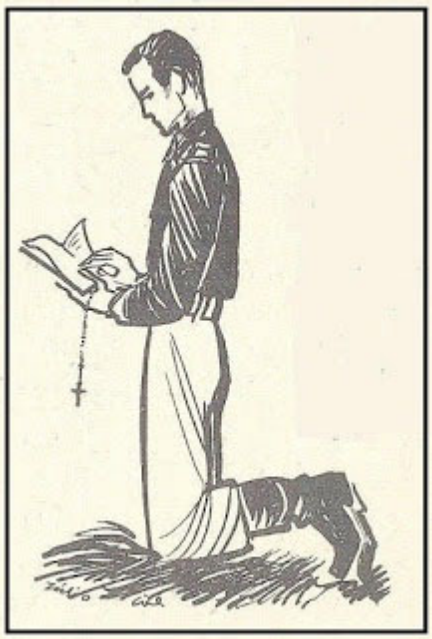
Bibliografia do Ilustrador Júlio Gil

BIBLIOGRAFIA DO ILUSTRADOR JÚLIO GIL

Júlio Gil nasceu em Lisboa, 24 de abril de 1924 e veio a falecer a 11 de abril de 2004. Foi ilustrador, cartoonista, arquiteto, pintor e escritor português. Iniciou a sua carreira de cartoonista na "escola" da Mocidade Portuguesa, ao ilustrar as publicações oficiais da referida Organização.



Sem a pretensão de sermos exaustivos, apresentamos uma bibliografia de Júlio Gil. Dividimo-la em três partes, a primeira parte é dedicada às monografias ilustradas, a segunda à elaboração de capas e, por fim, ressaltam-se as publicações não ilustradas, mas escritas pelo próprio Júlio Gil.



MONOGRAFIAS ILUSTRADAS

A arte de ser pai : cartas de Eça de Queiroz para os seus filhos / introd., coment. e notas de Beatriz Berrini ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1992.

Os assaltantes invisíveis / Franklin W. Dixon ; il. Júlio Gil ; trad. Teresa Cristina R. Correia Nunes. Lisboa : Verbo, imp. 1989.

Auto dos quatro meninos **: peça em 1 acto e 8 quadros** / Patrícia Joyce ; il. capa e il. de Júlio Gil. – 2.ª ed. Lisboa : Sociedade de Expansão Cultural, 1973.

Auto da Joanita e da fonte **: peça em 1 acto e 1 quadro** / Patrícia Joyce ; capa e il. de Júlio Gil. – 2.ª ed. Lisboa : Sociedade de Expansão Cultural, 1973.

Ave Maria / il. Júlio Gil ; textos Leonor de Sousa Mendes, Manuel Vieira da Cruz. Lisboa : Grifo, 1996.

Brisa dos tempos idos : novelas históricas / Adelino Peres Rodrigues ; il. Júlio Gil, José António Marques ; capa de Júlio Gil. **Lisboa : [s.n.] 1957.**

Cantares de todo o ano : selecção de cantigas populares portuguesas / [compil.] Júlio Evangelista ; capa e il. de Júlio Gil. [Lisboa] : Campanha Nacional de Educação de Adulto, 1956.

Carlota dá que falar / Gretha Stevns ; trad. de Inga Gullander ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1981.

Carlota dá que falar / Gretha Stevns ; trad. de Inga Gullander ; il. Júlio Gil ; capa de José Antunes. Lisboa : Verbo, imp. 1984.

Carlota e o clube secreto / Gretha Stevns ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1979.

Carlota e o clube secreto / Gretha Stevns ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1982.

Carlota e o pescador / Gretha Stevns ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1982.

Carlota e os contrabandistas / Gretha Stevns ; trad. de Helle de Freitas ; il. Júlio Gil ; capa de José Antunes. Lisboa : Verbo, imp. 1979.

Carlota e a festa de Natal / Gretha Stevns ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1980.

Carlota e as férias grandes / Gretha Stevns ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1980.

Carlota e Mariana / Gretha Stevns ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1980.

Carlota em acção / Gretha Stevens ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1981.

Carlota em boa forma / Gretha Stevns ; trad. Inga Gullander ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1982.

Carlota em novas aventuras / Greta Stevns ; il. Júlio Gil ; trad. Inga Gullander. Lisboa : Verbo, imp. 1982.

Carlota está com sorte / Gretha Stevns ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1979.

***Carlota está com sorte*!** / Gretha Stevns ; trad. Helle de Freitas ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1982

Carlota na Noruega / Gretha Stevns ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1980.

Carlota não pára / Gretha Stevns ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1982.

Carlota no alto mar / Gretha Stevns ; trad. Inga Gullande ; capa Augusto Trigo ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1982.

Carlota perde a timidez / Greta Stevns ; il. Júlio Gil ; trad. Inga Gullander. Lisboa : Verbo, imp. 1983.

Carlota tudo vence / Gretha Stevns ; trad. Inga Gullander ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1981.

A carta misteriosa / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1984.

A casa dos gatos persas / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil ; trad. Maria Júlia Beirão de Brito. Lisboa : Verbo, imp. 1988.

O caso dos sinais fatídicos / Franklin W. Dixon ; il. Júlio Gil ; trad. Ana Maria Sampaio Pinho. Lisboa : Verbo, imp. 1987.

Chico e o castelo espanhol / texto e il. Júlio Gil. – 2.ª ed. [Lisboa] : Pórtico, [D.L. 1966].

Chico e as joias roubadas / texto e il. Júlio Gil. – 2.ª ed. – Porto : Pórtico [D.L. 1967].

Chico e o campeão desaparecido / Júlio Gil. – 2.ª ed. [S.l.] : Pórtico, [196-?].

Chico e o tesouro de Brés / Júlio Gil. [Porto]: Pórtico, [196-?]

Chico e o ídolo / Júlio Gil. Porto : Pórtico [197-?].

Convento de Cristo / Luís Maria Pedrosa dos Santos Graça ; il. Júlio Gil. Lisboa. Mafra : ELO, 1991.

Contos em memória / João Osório de Castro ; il. Júlio Gil. Lisboa. Mafra : ELO, 1991.

De Tomar / Amorim Rosa ; il. Júlio Gil. Tomar : Com. Central das Comemorações, 1960.

Em busca do ouro escondido / Franklin W. Dixon ; il. Júlio Gil ; trad. Maria Cristina Varela. Lisboa : Verbo, imp. 1984.

Em demanda do Grão-Cataio / Beckert d'Assumpção ; il. Júlio Gil. Lisboa : Empresa Nacional de Publicidade [distrib.], 1973.

A escada misteriosa / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1987.

A estátua murmurante / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil ; trad. Margarida Vieira. Lisboa : Verbo, imp. 1987.

O estranho olho de vidro / Franklin W. Dixon ; il. Júlio Gil ; trad. Maria Cristina Varela Ramos. Lisboa : Verbo, imp. 1987

Exposição de livros juvenis [Policopiado] : 1973 : catálogo / Ministério da Educação Nacional, Direcção Geral da Educação Permanente ; compil. e coord. de Manuela Nogueira ; il. Júlio Gil ; [colab.] Maria Isabel Mendonça Soares e Maria Alice Andrade Santos. Lisboa : D.G.E.P., [1973].

Filipa e a aldeia em perigo / Marguerite Thiébold ; il. Júlio Gil ; trad. de Ricardo Alberty. Lisboa : Verbo, imp. 1985.

Filipa e a carta escondida / Marguerite Thiébold ; il. Júlio Gil ; trad. de Maria Guerne. Lisboa : Verbo, imp. 1988.

Filipa e a gruta das ametistas / Marguerite Thiébold ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, D.L. 1989.

Filipa e a prisioneira da ilha / Marguerite Thiébold ; il. Júlio Gil ; trad. de Maria Adelaide Couto Viana. Lisboa : Verbo, imp. 1985.

Filipa e a rosa de ouro / Marguerite Thiébold ; trad. de Ricardo Alberty ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1986.

Filipa e a voz misteriosa / Marguerite Thiébold ; il. Júlio Gil ; trad. de Maria Adelaide Couto Viana. Lisboa : Verbo, imp. 1987.

Filipa e o enigma de rocha negra / Marguerite Thiébold ; il. Júlio Gil ; trad. de Maria Guerne. Lisboa : Verbo, imp. 1986.

Filipa e o jovem cigano / Marguerite Thiébold ; il. Júlio Gil ; trad. Maria Guerne. Lisboa : Verbo, imp. 1987.

Filipa e o testamento secreto / Marguerite Thiébold ; il. Júlio Gil ; trad. Fernanda Leitão. Lisboa : Verbo, imp. 1986.

Filipa e o segredo da torre / Marguerite Thiébold ; il. Júlio Gil ; trad. Maria Guerne. Lisboa : Verbo, imp. 1988.

Filipa e o velho coleccionador / Marguerite Thiébold ; il. Júlio Gil ; trad. Maria Guerne. Lisboa : Verbo, imp. 1987.

A galinha verde / Ricardo Alberty ; com des. Júlio Gil. Lisboa : Ática, imp. 1959.

Grandes figuras da História de Portugal / org. António Maria Zorro ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1986.

Grandes génios da medicina / il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1983.

Histórias que ela contou / Maria Emília Freire ; il. Júlio Gil. [Lisboa] : Empresa. Nacional de Publicidade, [D.L. 1963].

Intriga a bordo / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil ; trad. Maria Selene Santos. Lisboa : Verbo, imp. 1989.

Os ladrões do aeroporto / Franklin W. Dixon ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1985.

A liberdade e eu / Mária Natália Lima ; il. Júlio Gil. – 2.ª ed. Lisboa : Verbo, imp. 1980.

À Lisboa das naus, cheia de glória / António Nobre ; [il.] Júlio Gil. Lisboa : Câmara Municipal, 1967.

A maldição do faraó / Franklin W. Dixon ; il. Júlio Gil ; trad. Fernanda Maria da Silva Tavares. Lisboa : Verbo, imp. 1988.

A marca na porta / Franklin W. Dixon ; il. Júlio Gil ; trad. de Maria Adelaide Namorado Freire. Lisboa : Verbo, imp. 1986.

Os melhores contos de Thomas Mann / sel. Manuel de Seabra ; pref. Domingos Monteiro ; des. Júlio Gil. Lisboa : Arcádia, imp. 1958.

A mensagem no carvalho oco / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil ; trad. Maria da Assunção Beja Neves. Lisboa : Verbo, imp. 1986.

O mistério da casa abandonada / Franklin W. Dixon ; il. Júlio Gil ; trad. Ana Maria Lemos Vacas. Lisboa : Verbo, imp. 1987.

O mistério da estalagem / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1983.

O mistério da lagoa / Franklin W. Dixon ; il. Júlio Gil ; trad. Anabela. Lisboa : Verbo, imp. 1987.

O mistério da serra interdita / Patrick Al-Cane ; trad. Dutra Faria ; il. Júlio Gil. Lisboa : [s.n.], D.L. 1946.

O mistério do amuleto de marfim / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil ; trad. de Maria da Fé Rodrigues Peres. Lisboa : Verbo, imp. 1986.

O mistério do bangaló / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1983.

Mistério na marginal / Franklin W. Dixon ; il. Júlio Gil ; trad. Maria Luísa Santos. Lisboa : Verbo, imp. 1984.

Mosteiro da Batalha / Sérgio Guimarães de Andrade ; il. Júlio Gil. Lisboa : Elo, 1991.

Os outros e eu / Maria Natália Lima ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, cop. 1974.

Pai Nosso / Júlio Gil, Leonor de Sousa Mendes, Manuel Vieira da Cruz. 1a ed. Lisboa : Grifo, 1996.

Pedro e o mágico : histórias maravilhosas / António Quadros ; il. Júlio Gil. Lisboa : Empresa Nacional de Publicidade, cop. 1972.

Pegadas sob a janela / Franklin W. Dixon ; il. Júlio Gil ; trad. Ana Maria Sampaio Pinho. Lisboa : Verbo, imp. 1986.

O pequenino pastor / il. Júlio Gil. [S.l.] : J. Gil, [D.L. 1951].

Poesia para a juventude : antologia / il. Júlio Gil. Lisboa : Serviço de Publicações da M. P.,1967.

O pirilampo do bairro : conto de Natal / Soledade Summavielle ; capa e il. Júlio Gil. [Lisboa] : Sociedade de Expansão Cultural, 1972.

A pista do medalhão quebrado / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil ; trad. de Maria Margarida Casola Vieira da Silva. Lisboa : Verbo, imp. 1985.

Poesia 1943-1990 / Júlio Evangelista ; estudo António Manuel Couto Viana ; il. Júlio Gil. Lisboa : Universitária 2001.

A ponte assombrada / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil ; trad. Maria da Fé Rodrigues Peres. Lisboa : Verbo, imp. 1987.

Porto : a aventura de um grande vinho / texto António Luís Ferronha ; il. Júlio Gil ; coord. João Osório de Castro. [Mafra] : ELO, D.L. 1997.

Portugal maior : livro de leituras portuguesas para o ensino técnico profissional / org. Augusto Reis Góis, Antonino Henriques ; colab. Virgílio Couto ; il. M. M. Calvet de Magalhães, Júlio Santos, Júlio Gil. – 12.ª ed. Lisboa : Livr. Popular de Francisco Franco [deposit], 1964.

Pousada da rainha Santa Isabel : história das histórias de um castelo / Joaquim Vermelho ; il. Júlio Gil. Lisboa. Mafra : ELO, 1992.

Pousada de Santa Marinha da Costa / Barroso da Fonte ; fot. Francisco d'Almeida Dias ; il. Júlio Gil. Lisboa : ELO, 1995.

A quinta do portão vermelho / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1984.

As raízes de Angola / João Falcato ; il. Júlio Gil. [Lisboa] : Notícias 1962.

A raposa Terrível e a pata Capitolina / Patrícia Joyce ; il. Júlio Gil. Lisboa : Sociedade de Expansão Cultural, 1977.

O relógio perigoso / Franklin W. Dixon ; il. Júlio Gil ; trad. Ana Maria Rabaça. Lisboa : Verbo, imp. 1985.

Romance da gata preta : fábulas e outras poesias / Patrícia Joyce ; capa e il. de Júlio Gil. – 2.ª ed. Lisboa : Sociedade de Expansão Cultural, 1972.

Rumo à planície / Olga Alves ; il. Júlio Gil. Lisboa : Pórtico, [197-?].

O segredo do rancho das sombras / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1984.

A senha dos raptores / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1985.

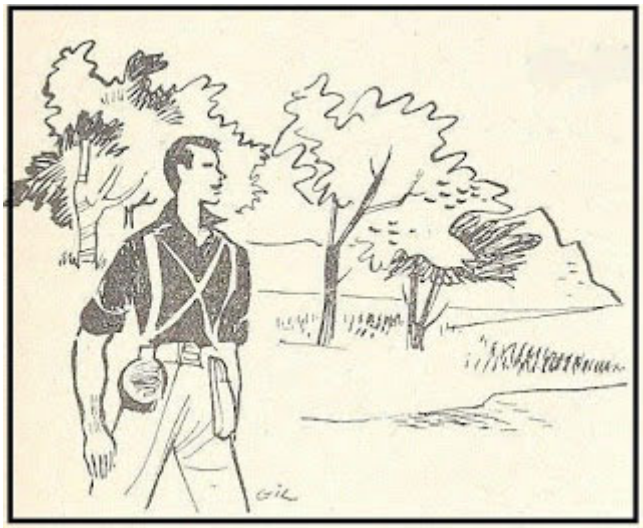
O sinal das velas / Carolyn Keene ; il. Júlio Gil. Lisboa : Verbo, imp. 1985.

O tesouro da torre / Franklin W. Dixon ; il. Júlio Gil ; trad. de Maria Helena Lopes Ribeiro. Lisboa : Verbo, imp. 1983.

Tronco em flor... / João Carlos Beckert d'Assumpção ; il. Júlio Gil. Lisboa : Mocidade Portuguesa, 1944.

Vinhos e queijos portugueses **: um guia muito prático** / com base nas informações técnicas fornecidas por Virgílio Dantas e Décia Carreira ; il. Júlio Gil. – 2.ª ed. Lisboa : Verbo, 1982.

15 histórias da Idade Média / coord. Maria Adelaide Couto Viana ; il. Georges Pichard e Júlio Gil ; trad. Ricardo Alberty. Lisboa : Verbo, imp. 1984.



CAPAS ILUSTRADAS

Aventura no céu de Marcelino pão e vinho : para os pais contarem aos filhos / José Maria Sánchez-Silva ; il. Lorenzo Goñi ; capa Júlio Gil ; trad. por Ferreira Alves. Lisboa : Portugália, imp. 1957.

Os bem-aventurados Francisco e Jacinta : pastorinhos de Nossa Senhora / comp. do Padre Luís Kondor ; il. Mercês Gil e Júlio Gil. Fátima : Secretariado dos Pastorinhos, imp. 2009.

Era uma vez... um dragão : teatro infantil / António Manuel Couto Viana ; capa de Júlio Gil. [S.l. : s.n.], 1950.

Grandes portugueses / Agostinho Macedo...[et al.] ; il. Baptista Mendes...[et al.] ; capa Júlio Gil. Lisboa : [s.n.], 1962?].

Marcelino pão e vinho : para os pais contarem aos filhos / José Maria Sánchez-Silva ; il. Lorenzo Goñi ; trad. por Ferreira Alves ; capa Júlio Gil. –4.ª ed. Lisboa : Portugália, 1956.

Poesia / Tomaz de Figueiredo ; pref. de António Cândido Branco ; capa com desenho inédito Júlio Gil. Lisboa : Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

ARQUITETURA PORTUGUESA

As mais belas vilas e aldeias de Portugal / texto de Júlio Gil ; fot. de Augusto Cabrita. Lisboa : Verbo, cop. 1984.

Os mais belos castelos e fortalezas de Portugal / texto de Júlio Gil ; fotograf. de Augusto Cabrita ; pref. J. Veríssimo Serrão. Lisboa : Verbo, cop. 1986.

Os mais belos palácios de Portugal / Júlio Gil ; fot. Nuno Calvet. Lisboa : Verbo, cop. 1992.

As mais belas cidades de Portugal / texto de Júlio Gil ; fot. Nuno Calvet. Lisboa : Verbo, cop. 1995.

Nossa Senhora de Portugal : santuários marianos / texto Júlio Gil ; fot. Nuno Calvet. Lisboa : Intermezzo-Audiovisuais, 2003.

2015/11/18

Peça do mês de novembro

Faca e bainha

Faca formada por punho e lâmina. O punho de corpo achatado com um enrolamento na extrema, falta-lhe o revestimento exterior. A lâmina em ferro batido, lanceolada, com secção triangular na ponta, as faces apresentam vestígios de elementos decorativos estilizados de forma ondulada. A bainha em pele de animal é cozida com fibra vegetal, na extremidade apresenta um triângulo invertido em forma de cauda de peixe. A sua origem provável é Angola.

Está inventariada com o número ME/401857/69 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária de Gil Vicente.

A faca é um objeto cortante com múltiplas aplicações, desde ferramenta a objeto decorativo. Conhecida desde a Idade do Bronze, a faca pode ter diferentes tipos de lâminas, metais e métodos de fabricação, consoante o fim a que se destina. Uma das utilizações mais comuns é a de talher

A bainha é a proteção da lâmina, podendo ser executada em vários tipos de materiais como tecido, couro, madeira ou metal. Permite, desta forma, o transporte seguro da faca.

2015/11/25

O "Guião" responde - entrevista ao "Diário da Manhã"

Extraída do Jornal *Diário da Manhã* de 1 de Junho de 1949, esta entrevista, que apresentamos na íntegra, explica os princípios subjacentes à criação do *Guião – Revista para Graduados*, desde a escolha do título até ao seu conteúdo.

"O "Guião" responde "Presente!" a novas vocações jornalísticas e ao anseio juvenil de continuar para o Futuro os rumos da Revolução Nacional.

Mocidade significa novidade, espírito sempre novo, sempre remoçado. Mocidade significa, antes do mais – e este País tem-no aprendido agradavelmente no decorrer da última década – insofrida insatisfação, constante desejo de aperfeiçoamento, de conquista.

Quando as coisas novas que um dia foram surpresa parecem tornar-se rotineiras, quando aquilo que há dez anos se supunha impossível se tornou já, de modo indiscutível, uma realidade quotidiana, os rapazes "inventam" algo de novo, abrem novas clareiras á sua frente – e ei-los a demonstrar com o vigor e a audácia das almas de quinze ou dezoito anos, que nem tudo estava feito, que muito havia ainda a fazer.

Os rapazes do «Guião» falam ao «Diário da Manhã»

Tal é, na verdade, o motivo da existência do “Guião”, revista dos graduados da Mocidade Portuguesa, cujo primeiro número se publicou há dias – no “28 de Maio” – graças ao entusiasmo de alguns comandantes de “castelo” e de “bandeira”, saídos não há muito da Escola Central de Graduados.

O “Guião” – uma capa expressiva, otimista, sadia e um formato simpático, atraente, a guardar muita coisa que interessa realmente aos rapazes – tem como diretor o comandante de Falange António Pinto Castelo Branco, nome bem conhecido e querido nas fileiras da M. P., entre os camaradas e entre os dirigentes.

Como redatores, todos os graduados que queiram escrever, todos quantos respondam à chamada que lhes foi feita, para, sustentando e erguendo bem alto o “Guião”, sustentarem e alevantarem ainda mais os princípios da M. P., a legenda que enobrece a ínclita geração e enobrece Portugal – universalizando-o até ao Infinito: “Honra, Dever, Serviço, Sacrifício”.
Se por um lado nos encontramos perante mais um ato de fé da Mocidade no prosseguimento da obra da Revolução Nacional, não há dúvida que esta iniciativa dos rapazes representa, pelo menos da parte de alguns, o delinear de uma vocação jornalística que não pode deixar-nos indiferentes, nem constitui surpresa. Há na Mocidade lugar para todos – lugar para todas as vocações.

Como jornalistas que se prezam, os redatores desta revista dos graduados têm o seu chefe de redação – o comandante de Bandeira Francisco Elmano da Cruz Alves, aluno da Faculdade de Direito de Lisboa, quase a transpor já os umbrais do primeiro ano.

Procurámo-lo para o ouvir sobre o “Guião”. Ouvimo-lo a ele, ao Castelo Branco, ao Carlos Lima. Ouvi-los, foi auscultar as aspirações generosas da geração nascida a-aquando ou depois do “28 de Maio” e que sente como que o instintivo dever de reagir contra toda e qualquer tendência de esquecimento do caminho percorrido e das dificuldades do percurso.

Do que ouvimos, aqui deixamos breve apontamento:

- Não julgue que fazemos uma revista pelo simples prazer de escrever ou pelo gosto de sermos lidos. O *Guião* surge como resposta à pergunta que tantos dos nossos camaradas das Escolas de Graduados constantemente nos faziam: "Porque não prolonga a Escola a sua ação para além dos cursos?"

Francisco Elmano Alves esclarece:
- Com efeito, quando o filiado chega à Escola de Graduados vem geralmente cheio de dúvidas e de problemas que, afinal, dentro em pouco se encontram resolvidos, não só porque a matéria dos cursos já os prevê, mas sobretudo porque se criam novos e mais vastos horizontes no nosso espírito, isto é, desenvolvem-se nele a capacidade de realização e a decisão.

- O pior – intervém Carlos Lima – o pior é, muitas vezes, quando os novos graduados regressam ao contacto com a vida dos Centros…

- Porquê?

- Porque o ambiente é, como não podia deixar de ser, diferente daquele em que viveram durante o curso. Aqui e além, o entusiasmo rareia. Faltam dirigentes. Surgem milhentas dificuldades. O graduado sente-se, muita vez, sozinho perante novos e mais difíceis problemas. E tem quase sempre, nesses casos, que tratar de tudo, desde o pano das barracas até… à falta de verba. Nessas condições – e nós falamos por experiência própria – os graduados encontram-se em pleno no "campo de prova". E é então que se torna mais necessário do que nunca acarinhá-los, dar-lhes todo o estímulo, manter neles o sentimento da força que constitui a nossa unidade, do calor que representa a nossa camaradagem – tudo o que seja, numa palavra, o prolongamento da vida e do clima moral da Escola.

E o "Guião" vem ao encontro dessa necessidade: há de procurar satisfazê-la o melhor que puder – o melhor dentro do limite das possibilidades – pois não sonhamos com impossíveis…

- Pode saber-se como tencionam alcançar esses objetivos?

- Estamos já a alcançá-los, Graças a Deus, o nosso "Guião", mesmo antes do aparecimento do primeiro número, provocou um despertar de energias que há de continuar e progredir. O que pretendemos é levantar problemas que interessam à juventude, agitando-os sem reserva e chamando os graduados à sua resolução.

- Mas que problemas?

- Todos os que interessam à juventude. Todos os que se prendem com a "formação integral" do rapaz português, isto é, com a esfera de ação educativa da Mocidade Portuguesa – esfera bem vasta, a abranger, literalmente, como lhe disse tudo o que de perto ou de longe interessa ou diz respeito à gente nova.

- Concretamente…

- Tanta coisa… Desde os problemas "caseiros" do arranjo dos Centros, do melhor aproveitamento da instrução geral ou especializada, da explicação clara da orgânica da M. P., até aos grandes problemas de ordem geral, de formação de uma mentalidade imperial, de conhecimento e divulgação da cultura portuguesa, do amor às coisas portuguesas, de defesa dos rapazes contra os perigos da sobrevivência de uma sociedade aburguesada, que nos aparece como superficialmente convertida a certas verdades fundamentais da Revolução que criou a Mocidade Portuguesa e que a Mocidade há de continuar e perpetuar.

- A iniciativa partiu de Lisboa?

- Sim, mas caiu entre os rapazes de todas as Províncias como peixe na água. Além do entusiástico acolhimento dos nossos camaradas, houve o natural interesse de muitos dirigentes. E queremos pedir-lhe para registar um nome – o do nosso Instrutor António Fialho Rico, que desde a primeira hora nos ajudou a tornar realidade esta aspiração. É também a altura de lhe dizer do reconhecimento que devemos ao nosso Comissário Nacional, ao major Ribeiro

Viana, nosso Diretor de Serviços e ao Inspetor Baltazar Rebelo de Sousa. Estamos absolutamente dispostos a honrar a confiança que puseram em nós e a ir para diante, custe o que custar.

- Uma última pergunta: qual a razão do título?

- Há durante o curso das Escolas de Graduados dois momentos inesquecíveis para os rapazes que os frequentam. O mais importante é, sem dúvida, o da entrega das divisas de comandante de castelo ou de bandeira, ao fim de vencidos todos os obstáculos, todas as provas. Mas a entrega do guião da Escola – dessa bandeira rubra que traz em si todo um programa de nobreza de alma e de espírito de bem servir, não fica atrás, em significado moral, em emoção, e representa verdadeiramente para o futuro graduado, o início da sua carreira. Por isso escolhemos para o nosso jornal o nome que melhor o poderia distinguir….

Têm razão. E agora só nos cumpre desejar-lhes que o seu programa se realize em toda a extensão de que são capazes os espíritos sinceros e vibrantes dos nossos graduados da Mocidade.”

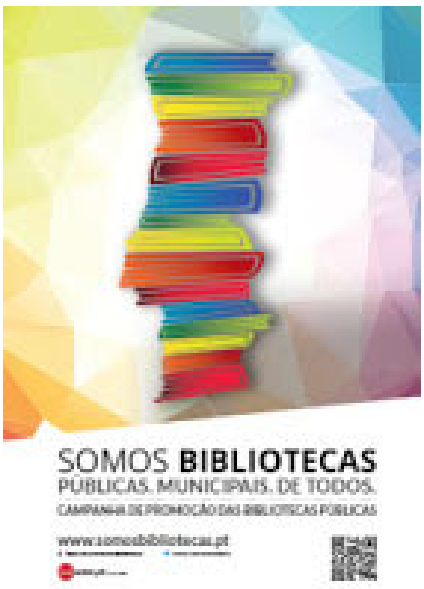
2015/12/02

Diretrizes para a digitalização de livros raros e coleções especiais

Em setembro de 2014 o Comité Profissional da IFLA aprovou o Guidelines for Planning the Digitalization of Rare Book and Manuscript Collections. Este documento que se encontra agora traduzido para português procura a sistematização de conhecimentos nesta área de forma a constituir coleções digitais sustentáveis.

2015/12/09

Campanha "Somos Bibliotecas"



No 12º Congresso Internacional da BAD, foi apresentado o Projeto "Somos Bibliotecas", que tem como objetivo destacar os serviços das bibliotecas públicas municipais à população. Tenta-se, assim, criar um quadro normativo sobre o seu funcionamento e levar o assunto das bibliotecas públicas à Associação Nacional de Municípios Portugueses e à Assembleia da República.

2015/12/16

Peça do mês de dezembro

Turbina hidráulica

Modelo de central hidráulica ou turbina hidráulica, instrumento utilizado nas aulas ministradas no Laboratório de Física.

Está inventariada com o número ME/401250/150 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária D. Dinis.

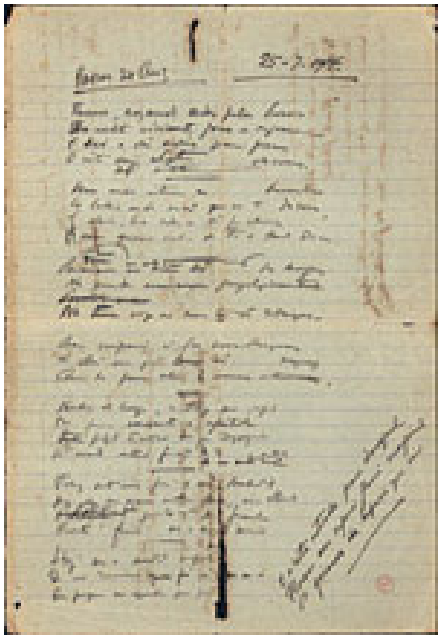
Os modelos tridimensionais permitem uma visualização mais completa do funcionamento de vários tipos de instrumentos. Neste caso, a turbina vai transformar a energia hidráulica em energia mecânica. Como tal, encontra-se acoplada a uma campainha para a demonstração em contexto de sala de aula.

Os primeiros exemplos de turbinas datam da época romana e eram utilizadas em moinhos. A partir do século XIX, o seu uso restringe-se quase exclusivamente para acionar ferradores elétricos.

O seu princípio de funcionamento é o seguinte: a água entra a partir de um canal mais elevado e é conduzida a um conjunto de lâminas curvas. Aqui a energia da água é transferida para um rotor. Depois, a água que sai é conduzida por um tubo até a um reservatório inferior. A velocidade do fluxo da água gera determinada potência que é convertida em energia mecânica.

2015/12/22

Novo autógrafo de Fernando Pessoa na Biblioteca Nacional



A Biblioteca Nacional incorporou no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, através da doação de Albertine Frognier, um manuscrito de Fernando Pessoa, datado de 27 de julho de 1914. Foram igualmente integrados outros originais de Eugénio de Andrade, Miguel Torga e Sophia de Mello Breyner, entre outros.

2015/12/29

Exposição "Portugal - Irão: 500 anos"

Para assinalar os 500 anos da segunda tomada de Ormuz por Afonso de Albuquerque, A Biblioteca Nacional organizou a exposição "Portugal - Irão: 500 anos" que estará patente até 9 de janeiro de 2016. Inclui manuscritos, mapas e fotografias desde o século XVI até à atualidade.